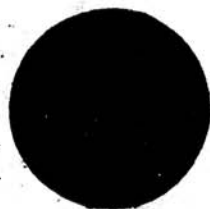


P. HERONCIO

OS HOLANDESES NO RIO GRANDE



DEPOSITARIA
EMPRESA EDITORA A B C LIMITADA

Obras do Mons.

PEDRO ANISIO

**TRATADO DE
PEDAGOGIA**

para as escolas normais em

3.^a edição revista

broch. 10\$000

cart. 12\$000

**Compendio de
Pedologia e
Pedagogia
Experimental**

tambem destinado ás

escolas normais

broch. 10\$000

cart. 12\$000

edições da

EDITORA A B C

OS HOLANDÊSES NO RIO GRANDE

NIHIL OBSTAT.

Natali, die 19 Maii anni 1937.
Mons. Alfridus Pegado
Vic. Gen.

IMPRIMATUR.

Natali, die 19 Maii anni 1937
Marcolinus, Episcopus
Natalensis.

P. HERONCIO

OS HOLANDÊSES
NO RIO GRANDE



1937

DEPOSITARIA

EMPRESA EDITORA A B C LIMITADA

CAIXA POSTAL, 249 - RIO

136

981.023321

M528 h

YAW

981.023321

M528 h

DUAS PALAVRAS

Atravessamos uma época tumultuosa, que alguns comparam aos últimos dias do império romano; vivemos dias agitados, que nos trazem mais receios que esperanças.

E' forçoso não desanimar, fazer o diagnostico dos males sociais e procurar-lhes o remedio. O momento não comporta transigencias nem desfalecimentos.

O espirito de internacionalismo é um dos caracteres mais salientes e marcantes da quadra hodierna. Não se trata, é claro, infelizmente, do internacionalismo sincero e verdadeiro, no sentido cristão da palavra, do internacionalismo fundamentado sobre a fraternidade universal do genero humano, procedente de um tronco unico. O internacionalismo, que os corifeus do materialismo historico prégam e em favor do qual combatem com uma energia digna de melhor causa, é o internacionalismo rubro, anarquico e incendiario. Ao internacionalismo de Cristo, ensinado pela Igreja, cujo chefe é o Papa, que reside no Vaticano de Roma, opõe-se o internacionalismo de Marx, imposto á desgraçada Russia, e que tem como chefe

o tzar vermelho, aquartelado no Kremlin de Moscou...

Essas duas tendencias ou antes essas duas orientações, cada dia mais extremes e mais irreduzíveis, caminham paralelas... só no infinito se encontrarão.

A infiltração dissolvente e corrutora, que visa aluir os alicerces de todo o edificio fundamentado sobre o Evangelho, e a luta sem quartel contra as bases cristãs da civilização caminham a passos largos e nuvens negras e pesadas se acumulam sobre o amanhã dos povos

Urge combater as forças secretas e invencíveis, que tramam a ruína da sociedade e procuram derruir os marcos fronteiros, que separam as nações, assinalando as diversidades de raça, cultura e religião.

Meio seguro e eficaz de fazer frente ás ameaças, que pairam sobre a ordem social vigente é ensinar ás gerações novas as grandes lições de heroísmo e de amor patrio, que lhes deixaram aqueles que se foram, envoltos no manto do passado... é reviver as tradições já esquecidas e ressucitar a memoria gloriosa daqueles que tudo sacrificaram pelo bem da terra sagrada — berço encantado de seus filhos, tumulo inviolavel de seus pais.

E' obra momentosa de véro patriotismo e de esclarecida visão social.

E' por esse motivo que, com intima satisfação, apresentamos aos verdadeiros filhos da Terra

da Santa Cruz o livro "OS HOLANDESES NO RIO GRANDE", do Padre Paulo Heroncio de Melo, que, revolvendo as cinzas do passado, discorre, em linguagem corrêta e estilo ameno, sobre os acontecimentos desenrolados no sólo potiguar, nos tempos da invasão flamenga.

P. Heroncio recorda-nos os tempos heroicos. em que o povo brasileiro, ainda em formação, lutava para expulsar do solo pátrio o estrangeiro he-reje e invasor.

Merecidamente, em nossos dias, devemos re-cordar esses feitos gloriosos, pois, outros estrangei-ros, de parceria com os modernos Calabares — traidores e sacrilegos, procuram entregar a Terra de Santa Cruz ao comunismo ateu e querem trans-formar o Brasil em colonia da União Sovietica.

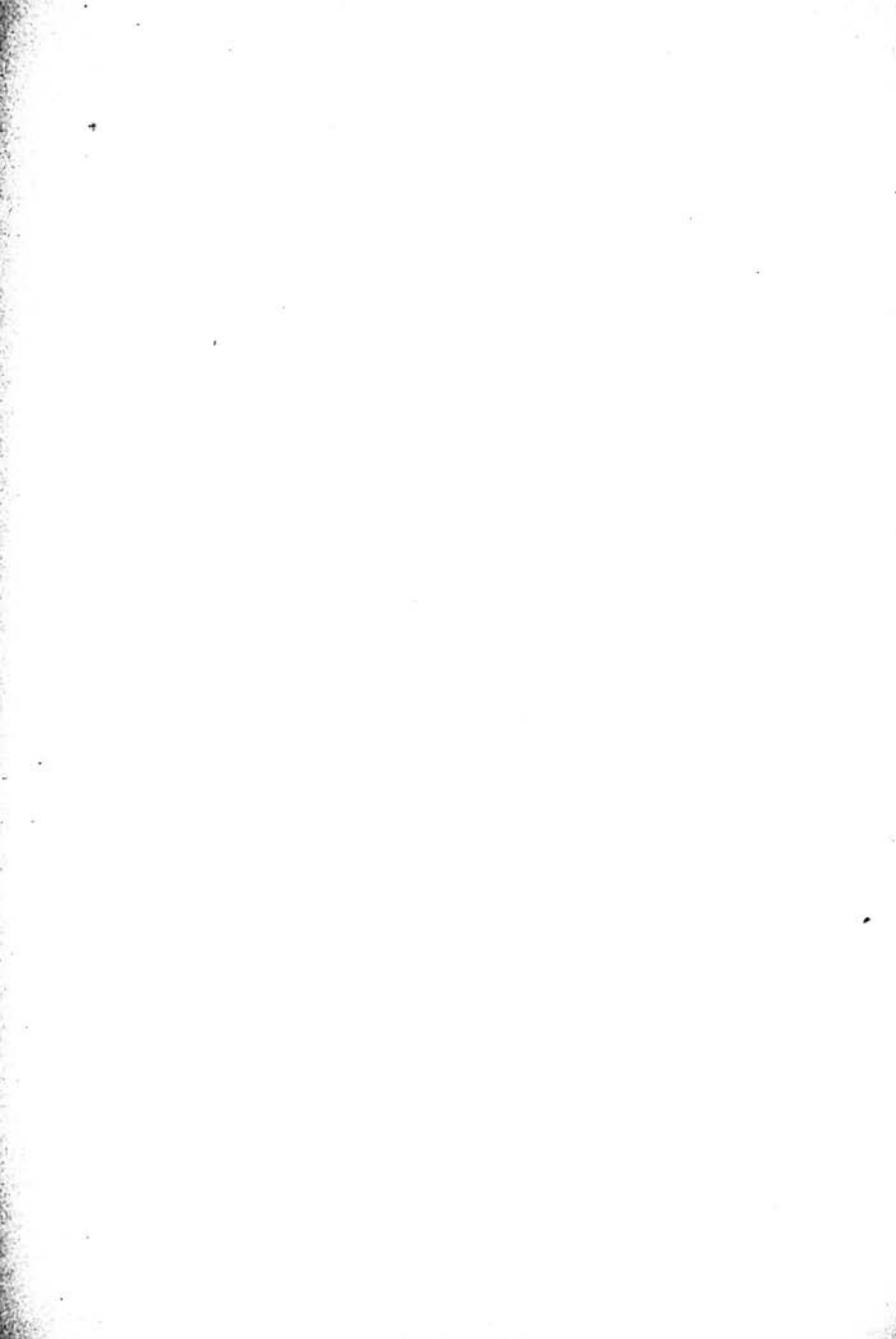
E' preciso que o mundo inteiro saiba que a nossa gente tem a alma forjada nas pugnas tra-vadas em prol da religião e da pátria e que, assim como resistiu ás invasões armadas no passado, tambem repelirá a infiltração dissolvente do mar-xismo hodierno.

O livro todo é uma lição, e lição de mestre, so-bre uma grande e formosa historia, infelizmente já algo esquecida e, ás vezes, mal contada.

Bem haja a quem serve a Deus e trabalha em prol da terra natal.

Rio, Junho de 1937.

Padre J. Cabral



PREÂMBULO

Um esquecimento imperdoavel envolve a memoria dos martires de Uruassú e de Cunhaú.

Quando se fala tanto na conquista holandêsa, glorificando-se figuras proeminentes da invasão, e se chega a lamentar que a nossa nacionalidade não haja sido plasmada pelos flamengos, que transformaram as terras potiguares em campos de ruínas e de morte, os heróis da campanha libertadora continúam encerrados no frio tumulto da indiferença e do olvido.

O Rio Grande do Norte tem o dever de zelar pelo seu passado de glorias, fazendo reviver os feitos memoraveis dos que souberam defende-lo e honra-lo com sangue generoso.

Escrevendo estas paginas, eu quero assoprar um pouco da poeira que cobre a lembrança daquelles que foram realmente martires da Patria e da

Igreja e que se tornaram merecedores do culto dos pósteros. E penso assim prestar a essas figuras de heróis e de santos (sem querer antecipar os altos juízos da Santa Igreja) a homenagem do meu respeito e da minha veneração á memoria de tão brava gente.

São José de Mipibú, Abril de 1937.

P. HERONCIO

O AVISO DE MATIAS DE ALBUQUERQUE

Ainda bem não clareára o dia, uma pequena embarcação cortava as aguas do Potengi, em direcção ao forte dos Reis Magos.

O bater cadenciado dos remos chamára a atenção da sentinela que vigiava a fortaleza.

Olhando através da luz que a aurora vinha trazendo ás aguas do rio, o guarda procurou reconhecer o barco.

Ao avizinhar-se das muralhas, a embarcação rumou para a entrada do forte.

A sentinela deu sinal á guarnição, reconhecendo quem se aproximava. Era o capitão-mór.

Havia poucos dias, Francisco Gomes de Melo assumira o governo da Capitania. Por varias vezes, já estivera no forte. Mas aquella visita matinal tinha algo de extraordinario. A presteza com que saltára, o nervosismo com que galgára o parapeito, as feições de quem passára a noite em vigilia, tudo denunciava a preocupação do capitão-mór.

Dentro de alguns instantes, a guarnição estava a par dos acontecimentos.

A esquadra de D. Fradique de Toledo havia reconquistado a Baía.

O almirante Hendrichszoon chegara tarde demais para auxiliar os bátavos. Não era com 28 navios que iria enfrentar a esquadra de Toledo e os fortes de S. Salvador, já guarnecidos de mais bocas de fogo.

Ante a inutilidade de sua viagem, o almirante holandês resolvêra voltar. E velejara para o norte. Avistando Olinda, continuára a rota. Mas era preciso refazer o rancho e a aguada. Convinha, antes de tornar á Europa, fundear em algum porto. Parecera-lhe propícia a baía da Traição. Transpusera a barra e arreará ferros. Desembarcára com alguns oficiais e marinheiros e procurára logo conquistar a amizade dos naturais.

Marciliano, um dos chefes indígenas da região, oferecera hospedagem aos flamengos e fizera-lhes muitos oferecimentos, não sem primeiro receber presentes e bugigangas.

Hendrichszoon levantára na praia algumas fortificações de emergencia e instalára um pequeno hospital para os marujos que haviam adoecido em viagem.

O chefe indígena falára, ao almirante, das vantagens de uma entrada no Rio Grande. Organizá-

ra-se uma pequena expedição. Marciliano levára os holandêses ao engenho Cunhaú. De lá, os batávos conduziram para bordo muito gado e 200 caixas de açúcar — auxilio providencial para quem ia atravessar o Atlantico.

Ao anoitecer da véspera daquele dia, chegára a Natal um mensageiro de Matias de Albuquerque, com um aviso para o capitão-mór. Os holandêses estavam nas costas da Paraíba e do Rio Grande e Francisco Gomes devia seguir com as forças de Francisco Coelho, governador do Maranhão, e de Antonio Coelho, capitão-mór da Paraíba, para repelir os invasores.

Essa a razão por que naquela madrugada o capitão-mór se dirigira ao forte dos Reis Magos. Era preciso que a guarnição da fortaleza estivesse de sobre-aviso, olhos fixos no horizonte, na suposição de que a esquadra inimiga poderia surgir de momento deante de Natal.

Sem demora, aprestaram-se os canhões e as colibrinas.

O capitão-mór voltou á cidade. Os habitantes de Natal estavam alarmados com a noticia da invasão.

A cidade fundada por Jeronimo de Albuquerque contava apenas umas trinta casas de barro e palha. Os homens de pról viviam em suas fazendas indo á cidade sómente aos domingos para a Missa.

Na tarde daquele dia, os fazendeiros, ao saberm da chegada de um mensageiro de Pernambuco, foram á casa de Francisco Gomes e ofereceram-lhe homens e haveres. Era com eles que o capitão-mór teria de contar, para repelir qualquer invasão. O auxilio dos indios era muito problemático. Em numero de mais de setecentos, morando em aldeamentos dos quais o principal era o de Mepébú, os selvagens eram pouco amigos dos portuguezes.

Na madrugada do dia seguinte, Francisco Gomes deixou a cidade.

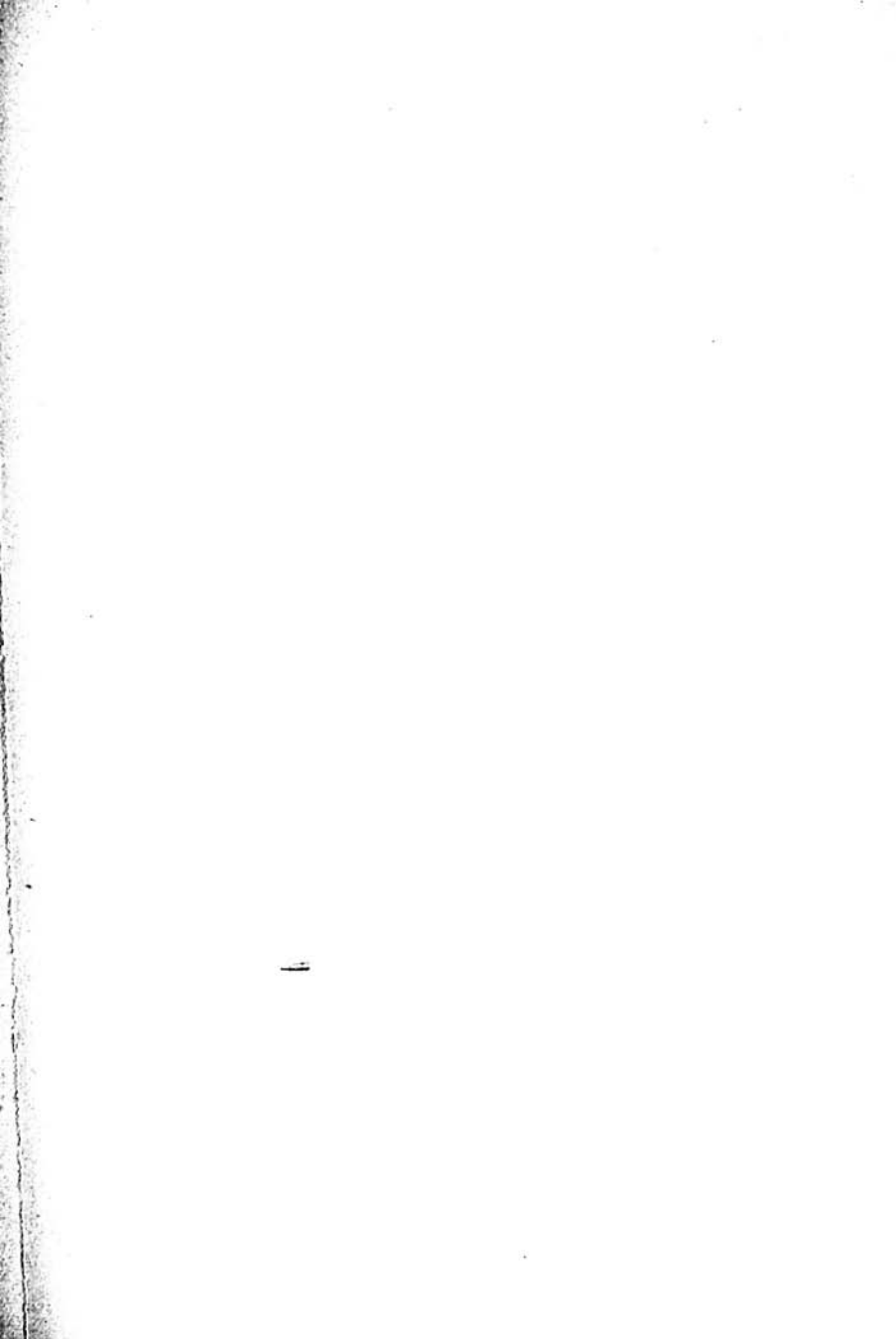
Quando se aproximaram da costa as forças dos capitães-móres, Hendrichszoon recolheu os marinheiros aos navios e se fez ao mar, velejando para as Antilhas, levando a bordo alguns seivicolas que manifestaram desejos de acompanhar os flamengos.

Chegando á baía da Traição, as tropas nacionais viram ainda, sumindo-se no horizonte, as velas flamengas.

Os portuguezes vingaram-se dos indios que hospedaram os bátavos. E vingaram-se com crueldade, infligindo aos bugres terriveis castigos, pondo uns a ferros, passando outros a fio de espada. Os que quiseram fugir aos castigos, internaram-se nas matas. Marciliano conseguiu fugir com Janduí e Oqueassú, principais da tribu.

Semanas depois, chegava a Natal a notícia da retirada dos holandêses. Uma onda de alegria perpassou por todas as almas. Houve tiros de mosquete e salvas de canhão. As casas se iluminaram. Na Matriz, celebrou-se Missa festiva de ação de graças.

A Capitania, livre dos invasores, retornava a sua vida normal. Os homens voltavam aos trabalhos da criação de gado e do cultivo da terra. Nos engenhos de Ferreiro Torto e Cunhaú, recomeçava a moagem da cana de açúcar.



MARCILIANO

Weerdenburch fôra avisado de que um indio, vindo do Rio Grande, lhe queria falar.

Na sala de audiencia do comando holandês, comentava-se a batalha que Adrien Pater travára com Oquendo, na qual perecêra o almirante batávo, sepultando-se no mar. A conversa foi interrompida com a chegada do selvagem.

Os officiais flamengos olharam com interesse aquella figura de guerreiro bravo.

O indio era um dos chefes da tribo dos janduís. Chamava-se Marciliano. Fôra êle que hospedára Hendrichszoon na Baía da Traição. A visita do almirante ás tabas de seus irmãos déra lugar á vingança dos portuguezes que continuavam a perseguir os indios. Desde aqueles tempos, viviam eles sobresaltados.

Os principais da tribo mandáram-no a Recife negociar uma aliança com os "tabatingas".

Viajára pela costa e tivéra oportunidade de ver a marcha dos guerreiros brancos desembarca-

dos na Paraíba, com destino ao arraial do Bom Jesus.

Naquele dia, ao chegar a Recife, encontrárase com seus compatriotas que haviam seguido, na esquadra, até á Europa, e que agora estavam de volta ao Brasil.

Queria que os flamengos fossem a sua terra, ao Rio Grande, onde nascêra e onde estava, depois que voltára das montanhas de Papanema, a uma lua de viagem, de lá.

Nos campos do norte, havia muito gado

Os holandêses podiam contar com a amizade e o auxilio das tribus.

Weerdenburch ouviu com interesse o cacique. Aquele oferecimento não era para se desprezar, maximé quando se sabia que Oquendo desembarcára tropas que certamente viriam reforçar os guerrilheiros de Matias de Albuquerque.

O general despediu Marciliano, recomendando-lhe que aguardasse em Recife as decisões do Conselho e ficou a estudar o caso com seus officiais.

Depois de discutir as vantagens de uma aproximação com os janduis, o Conselho resolveu que se mandasse ao Rio Grande uma pequena expedição de reconhecimento. Os indios que haviam chegado da Europa seriam aproveitados na empresa,

como otimos elementos de contáto com os selvagens. Os expedicionarios levariam tambem o chefe Marciliano.

Na manhã de 13 de outubro de 1631, partia a expedição, comandada por Smient.

A Matias de Albuquerque não passou desapercibido aquele movimento de hiates e chalupas, deixando Recife e rumando para o norte. Do arraial do Bom Jesus, mandou êle espíões á Paraíba.

Sabendo que as náus haviam passado á vista de Cabedelo, Matias se apressou em partir para o Rio Grande com três companhias e duzentos indios.

Os navios passaram ao largo do forte dos Reis Magos e, sómente uma legua ao norte, rumaram para a terra, fundeando numa enseada.

Smient desembarcou com os indios e com uma parte das guarnições.

Os selvagens levaram os holandêses ás tabas mais proximas, estabelecendo-se logo a mais perfeita cordialidade entre indios e civilizados.

O chefe da expedição mandou que os seus homens penetrassem mais as terras desconhecidas e caminhassem mais para o interior.

Já era noite. Os expedicionarios avistaram os clarões de uma fogueira e se dirigiram para lá.

Mais de perto, avançando cautelosamente, viram acampados um português, algumas mulheres e crianças e um índio que Marciliano reconheceu ser André Tracon.

Os batávicos, de espadas em punho, arremeteram contra o pequeno acampamento que, apanhado de surpresa, não pôde resistir.

O português foi assassinado. Dos bolsos de sua blusa, os flamengos tiraram varios papeis. Aquele lusitano era João Pereira, que levava do Ceará para Natal um bando de mulheres e crianças, contando com a proteção do índio André e de alguns outros selvagens. Os papeis encontrados em seu poder eram dados preciosos sobre o Ceará. Convinha levar aqueles documentos a Smient.

Voltaram os flamengos ao porto.

Examinando os papeis roubados ao português, o comandante os julgou tão importantes que quis leva-los imediatamente a Weerdenburch. E zarpou para o sul, na sua chalupa, deixando seu imediato, Closter, encarregado de continuar o reconhecimento.

Closter velejou mais para o norte, até á ponta de Opese. Ficou a bordo e mandou os índios entenderem-se com os tapuias. Pela tardinha, viu na praia alguns portuguêsês disparando armas. Pa-

receram-lhe patrulhas de reconhecimento. Eram, por certo, soldados que Matias de Albuquerque levára da Paraíba e de Pernambuco. Não convinha esperar as tropas inimigas. E, sem perda de tempo, levantou ferros e se fez ao mar.



DE ATALAIA

Na manhã de 25 de novembro de 1631, bordejava na barra de Recife a chalupa de Smient.

À medida que o veleiro se aproximava do ancoradouro, crescia na praia o numero dos curiosos e interessados pela sorte da expedição.

Os marinheiros ferraram as velas da embarcação. Ouviu-se o barulhar das correntes dos ferros que se arreavam da prôa e mergulhavam nas aguas.

Muitas canôas zingaram para a nau.

A revelar num sorriso o exito da viagem, o capitão appareceu no convés e, pulando numa das canôas, que abordaram seu navio, foi logo para a terra.

Horas depois, estava Smient em casa de Werdemburch, em presença do Conselho. O capitão mostrava-se satisfeito com os resultados da viagem. Falava da bôa acolhida que tiveram os flamengos por parte dos indios e exhibia os documen-

tos apreendidos em poder de João Pereira. E insistia na conveniencia de se atacar sem demora o Rio Grande. Uma expedição bem organizada se apossaria com facilidade daquelas terras. Closter ficára continuando os reconhecimentos e entabulando novas alianças com os bugres. Era preciso não perder aquella oportunidade.

O Conselho decidiu a tomada do Rio Grande.

A 21 de dezembro de 1631, poderosa armada deixava Recife. Ao sôpro dos ventos, quatorze navios abriram as velas e manobraram para o norte. Guarneciam as náus, além das tripulações, dez companhias de aguerridos soldados.

Servaes Carpenter e Van der Haghen, membros do Conselho, comandavam a expedição. As tropas de desembarque iam sob as ordens do ttecel. Hartmann Godefrid van Steyn-Callefels.

Efectuar-se-ia um desembarque na Ponta Negra e as tropas marchariam sobre o forte dos Reis Magos.

Na madrugada de 25 de dezembro, Carpenter passou-se para um navio pequeno e comboiado por duas chalupas foi sondar a costa, procurando um porto.

Os barcos se avizinharam tanto da fortaleza dos Reis, que os officiais puderam observar, com grande surpresa, que o forte estava bem guarne-

cido, com muitas bôcas de fôgo e artilheiros de prontidão, tornando-se difficil conquistá-lo.

Das muralhas do forte partiu um tiro de canhão. Os navios orçaram immediatamente para o mar. Era temeridade responder ao canhoneio.

Voltaram os barcos e se incorporaram á esquadra.

No navio de Carpenter, reuniram-se os officiaes e membros do Conselho, para assentar um novo plano de ataque. Godefrid van Steyn-Callefels falou da inconveniencia do desembarque na ponta Negra, cuja consequencia natural seria fatigar e desanimar os soldados. Apoiando as razões do tte. cel., Carpenter propôs que se forçasse a barra de Natal e se efetuasse o desembarque nas margens do Potengi. Os comandantes dos navios se manifestaram, porém, contrarios ao parecer do conselheiro, alegando que as difficuldades de manobras exporiam os barcos ás balas dos canhões da fortalêza.

Depois de varias discussões, os officiaes approvaram o parecer de Van der Haghen que propunha a desistencia do ataque, diante da superioridade de defeza do inimigo.

No dia seguinte, a esquadra bordejou para o largo, rumando o norte, indo ancorar em Genipabú, onde os flamengos desembarcaram para sa-

quear as casas abandonadas e arrebanhar o gado que encontrassem. Para bordo levaram êles cerca de 200 rêzes.

A 4 de janeiro, as naus deixavam a costa do Rio Grande e no dia 9 transpunham a barra de Recife.

A guarnição do forte dos Reis Magos estava realmente de atalaja pronta para repelir qualquer ataque. Matias de Albuquerque havia levado da Paraíba para o Rio Grande três companhias e 20 selvagens aliados. O capitão João Vasques fôra também para Natal, com um caravelão, conduzindo uma companhia, munições e pólvora, seguindo a esteira da esquadra inimiga, desembarcando tropas ao pé da fortaleza.

Contando com esse valioso auxilio, Cipriano Porto Carreiro, capitão-mór do Rio Grande, pôdia afugentar facilmente os audazes invasores.

N. B. -- Os historiadores confundem geralmente a tentativa holandêsa de novembro de 1631 ora com a primeira viagem de Smient, ora com a conquista da Capitania, em 1633. A "Historia ou annaes feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes", escrita por Joannes de Laet, cronista oficial da Companhia, publicada nos Annaes da Bib. Nac., vol. XXXVIII, esclarece o caso, desfazendo o engano.

CALABAR

Não davam treguas aos holandêses os bravos defensores da terra pernambucana.

No arraial do Bom Jesus, Matias de Albuquerque estava sempre de atalaia, olhos voltados para Recife.

O menor movimento dos b́atavos era fiscalizado pelos guerrilheiros que os mantinham encurralados, sem lhes permitir que penetrassem o interior.

Com agua pessima e quase sem viveres, os sitiados contavam apenas com os auxilios de aléum-mar.

A Companhia dos Indias Ocidentais já pensava em abandonar a conquista do Brasil.

Um dia, desapareceu do arraial o astuto guerrilheiro Domingos Fernandes Calabar. A sua ausencia demorada motivou os mais desencontrados comentarios. Infelizmente, dias depois, confirma-

vam-se as suspeitas: Calabar havia se passado para os flamengos.

O mameluco havia tido uma desinteligencia com Matias de Albuquerque. E, ambicionando riquezas e honrarias, esqueceu que jurára fidelidade ao seu Deus e ao seu Rei e, fugindo do acampamento, bandeou-se para os holandêses.

O gesto indigno do traidor foi um achado para os invasores, naqueles momentos dificeis. Profundo conhecedor das praias e do interior, ele iria garantir-lhes muitos triunfos. Em breve lhes sorriria a vitoria em varias batalhas, como as de Iguarassú e Rio Formoso.

Calabar iria levar os bátavos ao Rio Grande do Norte.

Ao transfuga não seria difficil um entendimento com os soldados da guarnição do forte dos Reis Magos.

Organizou-se a expedição.

A's 7 horas da noite de 5 de dezembro de 1633, saía de Recife a esquadra que devia se apoderar do Rio Grande. Comandava a frota o almirante Lichthardt. Em oito navios, viajavam oitocentos e oito homens de desembarque, divididos em quatro companhias de fusileiros e quatro de mosqueiteiros, comandados pelo tte. cel. Byma. A capitânea levava em seu bordo Von Ceulcn, um dos di-

retos da Companhia das Índias Ocidentais, e Calabar.

O sôpro brando dos ventos que caíram á noite não permitiu que os navios avançassem.

Pela manhã, o navio de Smient se incorporou á frota.

Ao meio dia, a capitânea içou sinál de convocação de officiais.

Os marinheiros ferraram os panos dos navios. Das náus partiram escaléres para o navio chefe.

Lichthardt reuniu seu estado maior. Era preciso assentar o plano de ataque. Calabar foi de parecer que se devia atacar o forte dos Reis Magos por mar e por terra, efetuando-se um desembarque na Ponta Negra. Os navios apoiaram a ação da infantaria, forçando a barra do Potengi.

A opinião de Calabar foi aceita pelos officiais. Byma ditou, então, nestes termos, as suas ordens aos comandantes de companhias:

“Quando se houver de operar o desembarque, farão proferir pelos soldados uma prece, implorando ardentemente ao Senhor a sua graça para a emprêsa que iam cometer, e em seguida animá-los corajosamente a se portarem na ocasião iminente como leais e valorosos soldados, de acordo com a sua honra e juramento.

Deverão mais fornecer á sua gente pão para três dias e dois martelos de vinho, antes de sair de bordo, e verificar que todas as bolsas e patronas estejam bem fornecidas.

Uma vez na terra, marcharão na ordem seguinte: as companhias do tenente coronel e do capitão Maufas formarão a vanguarda; as do nobre senhor Delegado e do capitão Teller, a retaguarda. Sendo as duas primeiras companhias apertadas pelo inimigo, devem as duas immediatas secunda-las, sem aguardar ordens”.

Iniciaram-se os preparativos para o desembarque. Os navios arrearam escaléres. Começou a concentração das tropas de desembarque nos navios menores que mais pudessem aproximar-se da costa.

Já era tarde, quando terminou o transbordo dos soldados. As náus abriram as velas. E, na manhã seguinte, aproavam para a Ponta Negra. Avizinharam-se o mais possível da terra e fundearam na enseada.

Dado o sinál de desembarque, os escaléres começaram a despejar soldados na praia.

Ao sol do meio dia, as tropas flamengas marchavam sobre Natal.

A RENDIÇÃO DA CAPITANIA

Sob os rigores de um sol abrasador e obrigada, ainda, pela maré cheia, a caminhar pela areia movediça das dunas, marchava a coluna do Tte. Cel. Byma.

Os soldados já sentiam o desanimo da fadiga.

Um ligeiro incidente os veiu destruir e reanimar.

De uma casa encravada num outeiro, á margem do caminho, partiram alguns tiros contra a coluna. Parou a marcha. Trinta homens, comandados por um sargento, foram destacados para cercar a casa. Fez-se o cerco. Os portuguezes que lá estavam não puderam resistir e foram mortos. Os soldados voltaram e a marcha continuou.

Eram três horas da tarde de 8 de dezembro de 1633, quando as forças de Byma chegaram a Natal. A povoação não resistiu. Os elementos de força estavam com o capitão-mór, Pedro Mendes de Gouveia, no forte dos Reis Magos.

O Tte. Cel. guarneceu a povoação e marchou em direção do forte.

No mar, cruzavam as velas flamengas

Tropas de desembarque já estacionavam nas dunas proximas da fortaleza.

Do forte, o comandante mandou um sargento e um soldado a Natal, para colher noticias. O Tte. Cel. encontrando-os, prendeu-os.

Ao pôr do sol, a coluna acampava perto do mar.

Os canhões da fortaleza começaram a despejar fôgo, ora contra o acampamento, ora contra os navios que bordejavam á pequena distancia.

Durante dois dias, os batávicos se occuparam em desembarcar morteiros, granadas e balas incendiarias.

O capitão-mór observava todo aquelle preparativo de ataque.

A Ceulen pareceu conveniente propôr a rendição da fortaleza, como era de praxe antes de um ataque decisivo. Calabar lembrou que os soldados aprisionados deviam acompanhar a quem quer que fosse parlamentar com o capitão-mór. Havia interesse em deixar em liberdade aquelles dois lusos. Ceulen concordou. Do acampamento partiu um tambor, seguido dos dois soldados, com uma carta para Pedro Mendes de Gouveia.

Ao se aproximarem do forte os embaixadores, o capitão-mór ordenou que lhes dessem entrada. Recebendo os emissarios, leu a mensagem e entrou para a sala de comando. Instantes depois, entregava ao tambor a resposta aos chefes holandêses. O mensageiro se retirou.

Mendes de Gouveia interrogou, então, os dois soldados. Contaram êles como foram aprisionados, quais as forças de que dispunham os inimigos, e que haviam sido livres, graças á intervenção de um brasileiro que estava com os officiais. O capitão-mór dirigiu aos seus soldados palavras de encorajamento, concitando-os a defender o forte com o sacrificio da propria vida, dizendo-lhes que não havia vantagens capazes de demovê-los do cumprimento do dever. Soldados de Portugal, todos tinham a honra a zelar e não consentiriam que o forte fosse tomado sem um protesto de sangue.

No acampamento, Von Ceulen recebeu a missiva que Pedro Mendes lhe mandára. E, perante os officiais, leu a resposta do capitão-mór:

“Estou bem certo das boas disposições de cortezia de V. Excia., como bom soldado que é em todos os assuntos e principalmente nos negocios da guerra; mas V. Excia. deve saber que este forte foi confiado á minha guarda por S. Magestade catolica, e só a êle ou a alguém de sua ordem o posso entregar

e a mais ninguém, preferindo perder mil vidas a fazê-lo e do mesmo espirito se acham animados todos os meus companheiros, achando-nos bem providos de todo o necessario. (a) *Pedro Mendes de Gouveia, capitão-mór do Rio Grande*".

Ainda com a mensagem nas mãos, Von Ceulen ordenou o inicio do ataque.

Era a tarde de 11 de dezembro.

Iniciou-se um pesado duelo de artilharia entre as baterias flamengas e os canhões do forte.

A fortaleza sentia a superioridade do ataque. Suas ameias caíram destruidas pelas balas. Alguns dos canhões eram postos fóra de combate, completamente inutilizados. Um balaço atingiu o condestavel, esmigalhando-lhe o braço. O capitão-mór animava os combatentes, mas dentro em breve sua bravura ficava neutralizada. Estilhaços de grana-da feriram-no gravemente, prostrando-o por terra. Seu ajudante o suspendeu nos braços e o levou para o quarto de comando. Momentos depois, os canhões emudeciam.

Os sitiantes, não ouvindo mais o fragor da artilharia lusa, suspenderam o bombardeio, aproveitando a tregua para reforçar o cerco com mais canhões desembarcados, cavar mais trincheiras e

amedrontar o inimigo com toques de corneta e rufos de tambores.

Dentro da fortaleza, tramava-se rendição. Os prisioneiros, que Calabar conseguira libertar, insinuavam a capitulação, falando das garantias que a todos seriam asseguradas.

A guarnição foi ter com o capitão-mór.

Estendido no leito, com as roupas em sangue, Pedro Mendes recebeu os soldados e repeliu com dignidade a proposta de rendição e ordenou que se reiniciasse o fogo pela manhã. Mas não foi obedecido.

Aproveitando o momento em que ele adormecera, os soldados roubaram-lhe as chaves do forte. E, ás primeiras horas da manhã, hastearam nas muralhas uma bandeira branca. Mandaram a bordo da capitânea flamenga um emissario, pedindo armistício para parlamentar.

O embaixador levava a Von Ceulen uma carta assinada por Sebastião Pinheiro Coelho.

O chefe holandês leu a missiva e quis devolvê-la, porque não era assinada pelo capitão-mór.

O mensageiro explicou que Pedro Mendes estava gravemente enfermo.

Von Ceulen aceitou a proposta, concedeu a tregua e desembarcou, para conferenciar com Byma.

Entre os holandêses e os soldados lusos firmou-se a capitulação. A guarnição entregaria o forte, com artilharia, pólvora, munições e até a bandeira, em troca do direito de se retirar com armas e bagagens.

No documento de rendição, firmado pelos oficiais e soldados portuguêses, fez-se a justiça a Pedro Mendes de Gouveia, declarando-se que o capitão-mór jazia "demasiado gravemente ferido".

O FORTE CEULEN

O portão da fortaleza dos Reis Magos se encancarou, para dar entrada aos conquistadores.

A soldadesca de Holanda entrou no forte e invadiu todos os recantos, como se fôra uma onda a se despejar de porta a dentro e a se espriaiar por todos os pontos. À frente, iam Von Ceulen, Byma e Calabar.

A um sinal de comando, a tropa se reuniu na capela, para um officio de ação de graças, presidido pelo ministro protestante que a acompanhava.

Depois daquele ato de religião, os soldados formaram na praça de guerra, de armas em continencia. Hasteou-se então a bandeira holandêsa, ao rufar dos tambores e entre salvas de canhão.

O Tte. Cel. declarou, depois, que em nome dos seus comandados ia prestar uma homenagem ao diretor da Companhia, dando ao forte o nome de Ceulen. Novas salvas de canhão.

Estava oficialmente firmada a conquista. Nos muros drapejava o pavilhão dos invasores.

A fortaleza, que tantas vezes defendera os direitos de Portugal, assestava agora os seus canhões contra os lusitanos. Quando era apenas alicerce, já se cobrira de glórias, pela bravura de seus defensores contra índios e francêses.

Construída em 1598, no governo de Manoel Mascarenhas Homem, fôra seu arquiteto o Pe. Péres, ilustre engenheiro da Companhia de Jesus. Os trabalhos, iniciados em 6 de janeiro, já estavam concluídos a 21 de junho graças aos esforços de todos, empenhados em preparar o reduto de defesa da Capitania.

Ponto estratégico para o domínio da costa, chegou a ter 200 homens de guarnição. Em 1603, porém, apenas 40 soldados permaneciam dentro de suas muralhas. Mais tarde, em 1610, a guarnição fôra fixada em 1 capitão, 1 alferes, 1 embandeirado, 1 sargento, 1 tambor, 1 condestavel, 2 bombardeiros, 4 cabos de esquadra, 40 mosqueteiros e 40 arcabuseiros.

Dentro de suas muralhas não havia conforto. Faltava até água. Os soldados "fugiam dêle como da morte". Mais tarde, foi melhorado, tornando-se o maior e o melhor do Brasil, com suas 33 peças de artilharia, corpo de guarda e alojamento para as praças. Agora, estava transformado em castelo holandês. Arreara-se do mastro o pavilhão das

quinas. Flutuava sobre os muros a bandeira dos conquistadores.

Depois daquela cerimonia de posse, Von Ceulen foi visitar o capitão-mór. Pedro Mendes estava caído no leito, banhado em sangue. Até aquele momento, nenhum cirurgião lhe havia cuidado dos ferimentos. O chefe holandês saudou o capitão. Pedro Mendes correspondeu á saudação e protestou contra o gesto dos soldados que entregaram o forte, roubando-lhe as chaves quando dormia. Não tivesse sido ferido, e teria resistido enquanto houvesse pólvora.

De nada mais valia a sua lealdade. Cumpria-lhe apenas tratar da saúde para se retirar com as honras militares que lhe eram devidas. A sua voz não tinha mais força de comando. Era a voz de Gartsman que agora se fazia obedecer dentro do forte Ceulen.



JUAGUARARI

Numa das frias prisões da fortaleza, os holandeses foram encontrar um indio acorrentado. Chamavam-lhe os seus irmãos — Jaguarari; os portugueses conheciam-no por Simão Soares. Ha oito anos que para ali fôra arrastado pelos soldados lusitanos. Era um dos maiorais da sua tribu. Sua taba ficava perto do mar.

Quando Hendrichszoon estivera na baía da Traição, êle andava pelo interior das matas, nos mistéres da caça, não se preocupando com os invasores nem atendendo ás solicitações de Marciliano que o fôra convidar para uma aliança com os flamengos.

As tropas dos capitães-móres, chegando á baía da Traição, prenderam a mulher e um filho de Jaguarari. Ao saber dessa noticia o indio correu a libertá-los. Sem dar ouvidos ás suas reclamações, os lusos tomaram-no como aliado dos flamengos e prenderam-no tambem. O indio protestou. Não fôra dos que abriram as portas aos invasores. Ao

contrario, não aceitára as propostas de Oqueassú nem os convites de Marciliano.

De nada valeram as declarações do cacique. Pouparam-lhe apenas a vida. Algemaram-no, escoltando-o para Natal. De lá, foi êle com outros indios conduzido para o forte dos Reis Magos e atirado a um calabouço.

Durante aqueles oito anos de prisão injusta, o chefe selvagem não deixou de reafirmar sua innocencia e sua sinceridade, não o fazendo por humilhação mas por um dever de consciência. Sentia menos os ferros que o algemavam do que o juizo que se fazia de sua lealdade. Fôra sempre aliado dos portugueses, como seu tio Camarão. A pecha de traidor que lhe atiravam era um ultrage a seu carater.

Quando o forte foi atacado, desejou ser livre para combater tambem. Preferia morrer lutando, a ser esmagado pelas ruinas dos muros rebentados a tiros de canhão. Inda pediu ao capitão-mór permissão para ajudar os soldados, mas não conseguiu. E não se sabe mesmo como ficou vivo, quando o forte capitulou, pois um seu companheiro de infortunio foi, antes da rendição, estrangulado e atirado do alto da muralha, para as bandas do mar.

Os conquistadores libertaram o indio, esperando que êle fosse levantar as tribus contra os

portugueses. Assim era de esperar de quem havia sofrido injustamente. Era chegado o momento da vingança.

Jaguarari deixou o forte.

Foi um momento de surpresa a chegada do selvagem ás tabas dos seus irmãos. Todos o cercaram. Julgavam-no morto.

Mostrando-lhes os pulsos feridos pelas algemas, êle contou os seus padecimentos.

Mais estarrecida ficou a tribo quando êle afirmou que, apesar dos sofrimentos, continuava fiel aos portugueses.

Habitados a ouvir palavras de vingança e a marchar ao som das intubias guerreiras para lavar no sangue inimigo as ofensas recebidas, não podiam os selvagens comprehender o gesto nobre do cacique. E êle acrescentou: "Sangram-me ainda os sinais das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo, que infama. Quanto pior me trataram os portugueses, tanto maior será o vosso e meu merecimento, conservando-nos fieis ao serviço dêles, especialmente quando o inimigo os aperta".

Os indios entreolharam-se. Seria possível? Não lhe teria o carcere embotado a memoria?... Não. Si aos civilizados faltára criterio para dar credito ás afirmações do selvagem, ao indio sobrára consciência para se manter digno de sua palavra,

mesmo com sacrificio. Queria êle que os de sua tribu partilhassem da sua dignidade, ajudando-o a reafirmar sua solidariedade aos lusos, para que êles vissem que o cativo de ontem confirmava, livre, sua innocencia e sua lealdade.

Fascinados pelas palavras do chefe, os indios lhe juraram apoio. Seriam tambem amigos dos portuguezes. Com êle retesariam os arcos e iriam aos combates em favor de Portugal.

O gesto de Jaguarari não foi um grito que se perdeu nas matas. Transpòs o oceano e foi ecoar na Metropole.

Em recompensa aos serviços do seu fiel vasalo, o rei lhe fez mercê de 750 reais de soldo, transmissiveis, por sua morte, á sua mulher e aos seus filhos.

PRIMEIROS REVEZES

Ao se aproximarem de Natal as tropas invasoras, os poucos habitantes da Capitania se refugiaram no interior.

Depois da rendição da fortaleza, alguns homens da guarnição se foram juntar as que se haviam escondido para as bandas de Ferreiro Torte.

No dia seguinte ao da tomada da Capitania, Byma transferiu-se para Natal que passou a se chamar Amsterdam. No forte, o Tte. Cel. deixou apenas 140 homens, sob o comando de Garstman.

Era preciso arranjar provisões para a tropa. Organizaram os b́atavos uma excursão que devia seguir pela costa-norte, até onde estivera, dois anos antes, a expedição de reconhecimento. A bandeira se compunha de duas companhias e 60 marinheiros.

A pequena coluna transpôs o rio e marchou ao longo da praia.

Avistando algumas rêses, que pastavam perto da ponta de Genipabú, os soldados trataram de ar-

rebanhar os bois que puderam alcançar, chegando a ajuntar 35 cabeças de gado. Voltaram a Natal.

Grande foi a alegria dos flamengos ao receberem os excursionistas que regressavam com tão boa presa.

Confirmavam-se as afirmações de Marciliano quando fôra a Recife, convidá-los a ir ao Rio Grande. A terra era verdadeiramente um campo de criação.

Convinha agora uma batida, rio acima. Para as bandas de lá, existiam engenhos de açúcar.

Dias depois, organizava-se a segunda expedição, mais numerosa que a primeira, com 30 homens de cada companhia, formando um total de 200 soldados, ao mando do major Cloppeburth.

Em seis escaléres, os expedicionarios se transportaram ao passo do Potengi. Desembarcando, organizaram a marcha.

Ainda não haviam caminhado uma hora, quando ouviram, de repente, alguns tiros. Observando a região, puderam vêr que sentinelas avançadas escondiam-se pelo mato e atiravam sobre êles. Fizeram descargas repetidas. Os emboscados foram mortos, ficando apenas um velho com vida.

Reiniciou-se a caminhada. Já marchavam os holandeses, havia três horas, quando a coluna foi novamente obrigada a parar e a tomar posição de combate.

Desta vez as descargas eram mais repetidas e mais numerosas.

Os fugitivos de Natal estavam acampados naqueles sitios, com alguns soldados do forte, chefiados por Vaz Pinto, provedor da Fazenda Real. Aguardavam êles auxilios da Paraíba.

Ao se avizinharem os conquistadores, os foragidos começaram a disparar os mosquetes, esperando fazê-los retroceder. Mas os invasores avançaram, apesar das baixas sofridas. Não podendo resistir, os portugueses fugiram.

Novos guerrilheiros aguardavam os bátavos mais adiante, emboscados nos matos. Foi intensa a fuzilaria. Clappeburch dispôs seus soldados para o combate.

Depois de alguns momentos de luta, o chefe holandês achou mais prudente recuar. Não sabia de que forças dispunha aquele reduto. Além disso, o velho prisioneiro afirmava que da Paraíba eram esperados 300 homens. Talvez que aquela força já tivesse chegado. Assim convinha recuar.

Uma companhia fez a retarguarda, sustentando fogo, garantindo a retirada, em ordem.

Não mais sendo perseguida, a coluna tomou o caminho de Natal.



OS JANDUIS

Foi com pesar que os flamengos de Natal receberam a coluna de Major Cloppeuburch, que voltava do interior. Companhias desfalcadas, soldados feridos, nenhuma presa.

Era preciso assentar novos planos para dominar completamente a Capitania. Aquela gente acampada perto do engenho Ferreiro Torto tinha que ser submetida de qualquer fôrma.

O velho prisioneiro que a tropa trouxera podia ser um ótimo elemento de aproximação com os conquistadores. Seria êle o portador de um aviso aos fugitivos, convidando-os a se submeterem. No aviso, dava-se-lhes um prazo de três dias para se apresentarem ás autoridades flamengas e fazerem juramento de fidelidade aos novos dominadores da terra, sob pena de serem tratados com rigor e verem seus bens confiscados e suas casas incendiadas.

Aquele expediente, porém, talvez fosse pouco eficaz. Seria mais pratico apelar para os indios,

açulando-lhes o espirito de vingança e crueldade. Essa era a opinião de Calabar que se ofereceu para ir ás tabas.

Para as bandas do sertão, até as margens do rio Assú, estendiam-se os dominios dos Janduí, indios da grande familia tapuia, cujas tribus se espalhavam até a Baía. Tinham êles muito odio aos portuguezes. Já haviam feito aliança com os flamengos, por intermedio de Marciliano. Aguardavam o momento aprazado para vingar os maltratos que haviam sofrido os seus compatriotas, depois que Hendrichszoon estivera na baía da Traição.

Era chegado o momento de apelar para os barbaros, explorando-lhes os instintos de sangue e de vingança.

Com alguns companheiros, Calabar demandou o sertão.

Depois de alguns dias de viagem, o terrivel emissario chegou ás tabas. Procurando os caciques, parlamentou com êles, entregou-lhes presentes que os chefes holandeses lhes mandavam. E com êles acertou um ataque ao engenho de Ferreiro Torto.

Ao som das inubias e sobraçando arcos e tapapes, 300 guerreiros tapuias desceram do sertão.

Para melhor se defenderem de qualquer ataque, os fugitivos de Natal se refugiaram no engenho de Francisco Coelho e ali ficaram aguardando os esperados auxilios da Paraíba.

Alguns dias depois daquele encontro com os holandeses, os refugiados de Ferreiro Torto foram surpreendidos por gritos ferozes seguidos de um cortar de setas pelo ar. O alarido aumentava á medida que se aproximavam. Eram os Janduis.

Os tapuias ! — gritaram todos, aterrorizados.

O sobressalto se espalhou em todos os semblantes. O espétro da morte pairou deante daquela gente, que não podia defender-se.

Gritos de dôr, abraços de despedida.

Açulados por Calabar, os bugres caíram sobre o engenho. Ninguém poudo fugir. Os que tentavam escapar ao tacape sentiam as flechas penetrarem-lhes as costas. Os gemidos dos moribundos eram abafados pelo berreiro infernal dos assaltantes. A matança foi terrível. Homens, mulheres e crianças, todos sacrificados com tanta crueldade e com tanta hediondez que não é possível descrever.

Mais de 60 pessoas foram mortas. Entre elas, o proprietario do engenho, Francisco Coelho, com sua mulher e seus filhos.

Ferreiro Torto marcava o inicio de um martírio de muitos anos. Aquela página de sangue era bem o programa de conquista dos novos senhores das terras do Rio Grande.

TERRA DESOLADA

Quando os ultimos remanescentes portuguezes do Rio Grande souberam que os Janduís haviam descido do sertão, a convite dos invasores, e trucidado os moradores do engenho Ferreiro Torto, compreenderam o peso do infortunio que caíra sôbre êles.

Escondidos nas matas, ou continuariam naquella vida cheia de sobressaltos, sem saber até quando, ou se submeteriam ao invasor, ou teriam que procurar abrigo no acampamento de Matias de Albuquerque.

Muitos foram bater ás portas do engenho Cunhaú, onde havia alguma fortificação. Lá estava o capitão Alvaro Fragoso, que dispunha de algumas peças de artilharia.

Era mais facil buscar um refugio naquelas paragens do que atravessar o sertão ou palmilhar a costa, até alcançar o arraial do Bom Jesus.

Depois do morticínio de Ferreiro Torto, Natal se encheu de tapuias.

Aos chefes holandeses não convinha aquela gente na cidade. Era preciso procurar uma oportunidade para que os selvagens, dando largas aos seus instintos de sangue, voltassem ao campo. Os b́atavos temiam a ferocidade dos indios, nŁo confiando muito na amizade daquela gente, que se deliciava em comer carne humana.

Foi com prazer que os chefes flamengos receberam as sugestŁes de alguns compatriotas, que haviam fugido das prisŁes de Cunhaú, onde estavam desde a primeira invasŁo. Eles o animaram a saquear o engenho. Otima lembrança. Teriam assim em que ocupar os selvagens. De lŁa, os bugres poderiam voltar ao sertŁo.

Por mar, iriam tropas ao mando de Stockhouwer. Os Janduis marchariam por terra, com soldados de algumas companhias chefiados por Artichofskey.

Em meio de uma algazarra infernal, os indios deixaram a cidade. ApŁs dias de viagem, anoiteram nas vizinhanças de Cunhaú.

Os cŁes do engenho pressentiram a aproximação de alguem e começaram a ladrar. Mas os soldados de Alvaro Fragoso nŁo deram importancia a lŁo precioso aviso.

Indios e soldados cercaram o engenho. Os atacantes, aproveitando a escuridŁo, avançaram cautelosamente sobre o forte e escalaram facilmente a muralha.

Os soldados de Fragoso despertaram sobresaltados, entrando em combate na maior confusão.

Os índios caíram sobre o engenho e sobre as casas dos moradores.

Os flamengos prenderam logo o capitão e mais três soldados. Alguns ainda conseguiram fugir.

A refrega foi rápida. Mais de 50 cadáveres de homens, mulheres e crianças ficaram estendidos no chão.

Um carmelita, que ali se achava, a prestar assistência religiosa aos habitantes da povoação, foi vítima do sabre dos herejes.

Quando chegaram as forças de Stockhouwer, o engenho Cunhau já estava em poder dos invasores.

Destruído aquele último reduto de defesa, para onde iriam os fugitivos ?

Uma atmosfera de desolação pesava sobre a Capitania. O tufão da desgraça passára celere sobre ela, deixando após si um sinal de maldição. Por toda parte, vestígios de sangue derramado de vítimas indefesas. Casas abandonadas, campos incendiados, rebanhos dizimados, bandos de salteadores a se espalhar pelo interior, de parceria com os ferozes tapuias... Como viver no Rio Grande ? Até quando duraria aquele estado de cousas no novo distrito dos domínios holandeses ? Que anos aqueles que pareciam não mais findar !

A chegada do príncipe Nassáu a Pernambuco foi, para os oprimidos, como um raio de luz a penetrar num carcere.

Os propositos, que o novo administrador das conquistas de Holanda trazia para o Brasil, constituíam uma vaga esperança de paz á terra devastada pelo furacão da morte e dos incendios. Esperança que se concretizaria em realidade? Simples miragens de caminheiro que atravessa o deserto. As garras do abutre continuariam a estrangular a presa. Novas páginas de sangue e de martírio iam se escrever nas terras do Rio Grande.

A MARCHA DE LUIS BARBALHO

Depois de tantos anos de abandono, a Metropole se lembrou um dia de socorrer a colonia de além-mar.

Firmava-se cada vez mais, na America portuguesa, o dominio flamengo. Para o Brasil holandês, viera uma figura de alta linhagem, que procurava dar novos rumos ao govêrno das terras conquistadas. Sua chegada fôra motivo de esperança de melhores dias para quantos sofriam o jugo dos exploradores flamengos.

Espirito de larga visão, o principe Mauricio teria realizado um belo programa administrativo se não fosse tolhido pela Companhia das Indias Ocidentais que visava tão sómente a lucros argentários, e se contasse com a colaboração de auxiliares dignos desse titulo.

Ao chegar a Pernambuco, Nassáu quis conquistar a Baía. A tentativa neerlandesa deu motivo a que a Metropole voltasse suas vistas para o Bra-

sil e mandasse uma esquadra em socorro da colonia.

D. Fernando de Mascarenhas, conselheiro de Estado, conde da Torre, foi o capitão-general de terra e mar escolhido para comandar as tropas.

Em outubro de 1638, as náus partiram de Lisboa.

Mas a esquadra luso-espanhola viera com máus fados. Aportando a Cabo Verde, perdera mais de 3.000 homens. Chegando a S. Salvador, estacionára no porto por muitos meses. Fazendo-se ao mar, para oferecer combate á esquadra holandesa, fôra vencida quatro vzes, travando a ultima batalha na altura de Cunhaú.

Depois de tantas derrotas, o conde da Torre abandonou a esquadra.

O mestre de campo, Luis Barbalho, que vinha na frota, juntando tripulações de alguns navios, fundeára no porto de Touros e efetuára um desembarque de 1.500 homens.

Não se sentindo bastante forte para ficar no Rio Grande com aquella gente, porque o principe Mauricio lhe negára quartel, o grande capitão resolveu marchar para a Baía.

O que foi aquella arrojada travessia de mais de quatrocentas leguas, sertão a dentro, sem viveres suficientes, ao sol e á chuva, enfrentando todas as desgraças, tendo que vadear rios, escalar montes, transpôr abismos, combater selvagens, ha tan-

tos séculos atrás, — quem o pôde dizer ? Todas aquelas dificuldades passaram, certamente, pelo espirito do valente chefe, mas que importava o sacrificio se havia ideal ?

Antes de iniciar a marcha, Barbalho falou assim aos seus soldados :

“O motivo que nos tirou da Baía, nos deitou agora nesta praia; dela nos tirou a conquista, a ela nos leva a defesa; determinação, uma e outra, tão filha de animos portuguezes, que livre de achar nos estranhos competencia, busca em si mesmo o excesso, tanto maior em conservar o possuido, que em recuperar o estragado, quanto é maior o perigo de conduzir este socorro que o de perder aquella armada; em seu máu successo tiveram parte os elementos, e não os inimigos, em esta viagem havemos de pelejar com os inimigos e com os elementos; estes armados dos rigores do tempo, aqueles das coleras do odio. Tudo venceremos, se, só estribados na causa alentarmos a confiança, pois é certo que não falta Deus com auxilios a quem lhe dedica obsequios. A favores do céu se nutre o valor dos homens. Irmos a socorrer e a livrar a pátria das leis da infidelidade e das extorsões da tirania, e a influir nas esperanças dos parentes e dos naturais, que em Pernambuco vivem oprimidos pelo ju-

go holandês, como libertarmos a Baía do seu imperio. Podera-nos acobardar a falta de mantimento, se não se costumarão a suprir com os frutos agrestes dos matos; nêles mais certos e menos custosos nos tem ensinado que mais facilmente se vence a falta que a resistencia; mas onde se contrasta a maior gloria, sou de parecer que nesta marcha busquemos o povoado, no qual poderemos conseguir remedio para a força e argumento para a fama, mais grata a quem vence homens que a quem mata fêras. Por esta vereda caminharemos a dois fins: a matar a fome e a refrear a força; pois é certo que os inimigos, que agora deixa nosso braço destruido, nos hão de faltar depois contrarios. E quando o holandês irritado nos busque poderoso, em nossa mão está a retirada, porque lhe fizemos tanta vantagem no conhecimento do sertão, quando êle nos póde fazer no numero dos soldados”.

A coluna marchou com armas e bagagens. A’ testa, ia a vanguarda de guerrilheiros batedores de mata, rasgando picadas, improvisando estradas, prontos tambem para oferecer combate a quem quer que se antepusesse áquela avalanche de bravos.

A noticia do feito de Barbalho chegára a Natal.

Gartsman, comandante do forte, saiu ao encontro da coluna, com 60 soldados e 200 índios.

Mas a fortaleza moral dos expedicionários era sobre humana.

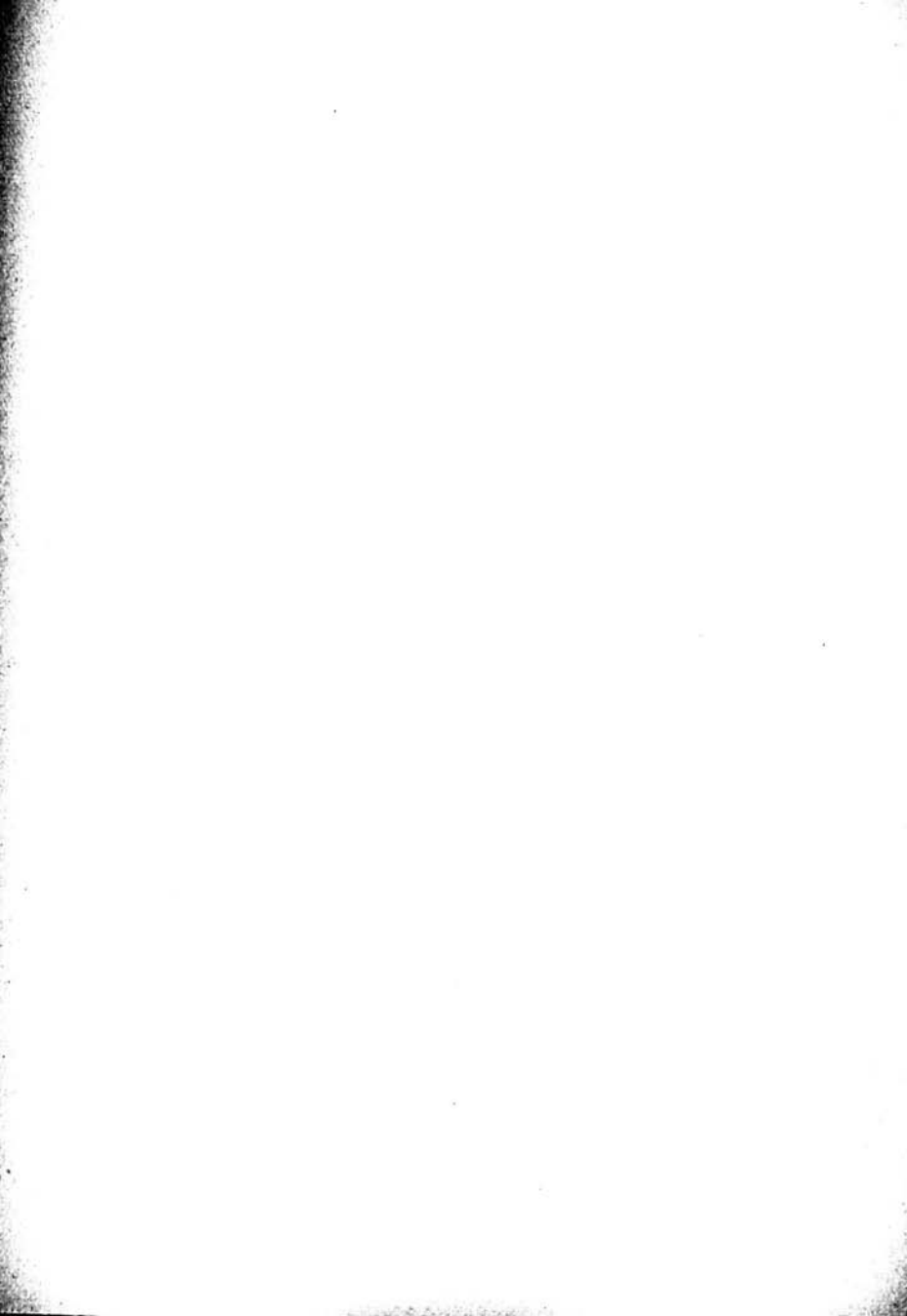
A's margens do Potengi, travou-se renhido combate. Apesar dos esforços dos bátaivos e da ferocidade dos índios, Luis Barbalho venceu o inimigo. Gartsman, caiu prisioneiro.

O mestre de campo poderia ter assaltado o forte Ceulen e se assenhoreado da Capitania. Mas não lhe seria facil manter a conquista. E continuou a marcha.

Entrando a coluna em Pernambuco, redobram-se as ocasiões dos combates. Tropas aguerridas iam no encalço de Barbalho. Carlos Turlon chegou a andar dezeseite leguas em doze horas, perseguindo a coluna. A avançada, porém, era impetuosa.

Conseguiram os bravos atravessar o S. Francisco e chegar á Baía a tempo de salvar a cidade que certamente cairia nas mãos de Lichthard, se não fosse o auxilio daquela gente faminta e maltrapilha, mas de alma cada vez mais forte.

Luis Barbalho escreveu uma das mais belas e mais emocionantes páginas da guerra holandesa, com a trilha que abriu das praias do Rio Grande aos longinquos sertões da Baía.



ALVORADA

As esperanças depositadas na ação de Mauricio de Nassáu se desfizeram depressa, ao sopro de tristes realidades.

Os anseios de paz e de trabalho, de liberdade e de ordem, que animaram os colonos, nos primeiros dias do govêrno do príncipe, se transformaram em pesadelo de morte.

A noticia da vinda do Conde da Torre fez despertar no animo dos oprimidos um sentimento de reação.

O Maranhão havia iniciado o movimento libertador. Já não podendo suportar tantos ultrajes, os maranhenses se uniram em torno da bandeira de Antonio Muniz Barreiros, e, em setembro de 1642, de assalto em assalto aos engenhos ocupados pelos bátavos, chegaram a tomar de surpresa o forte do Calvario, libertando, depois, S. Luís.

Agora, ia o conde Mauricio retornar á Europa. Havia perdido a confiança da Companhia das Indias. No Brasil deixava a cidade Mauricia, que êle

quiséramos dotar de palácios e jardins, como uma lembrança da sua passagem pelas terras da America.

Se o governo de Nassáu continuára o martírio da colonia, em que condições ficaria agora a terra conquistada, ao mando dos novos senhores ?

Os gestos dos maranhenses encontraram imitadores. Ouvia-se por toda a parte um toque festivo de alvorada, despertando um sentimento novo — o sentimento de pátria.

A alma pernambucana levantava-se para esculpir feitos memoraveis no obelisco da história. O arraial do Bom Jesus não seria unico reduto de gloria. Tabocas, Guararapes e tantos outros pontos memoraveis assinalariam para sempre o heroismo de um povo que começava a formar-se e que, num sentimento unico e com a divisa — por Deus e pela Pátria, — sem armas nem recursos financeiros, apenas com velhos trabucos e pontas de facas amarradas a pontas de páus, á maneira de lança, muitas vezes sem polvora e fingindo tê-la muita, em barris de areia, guerrilhava o invasor e mandava dizer á Metropole que, depois da vitoria, iria receber o castigo da violação das ordens de além-mar. Ao nome de Matias de Albuquerque se juntariam, nimbados de heroismo, os de Vital de Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão, Henrique Dias, Antonio Cavalcanti, Antonio Dias Cardoso e de tantos outros bravos, que se tornariam merecedores da consagração da posteridade.

Antes, porém, que se expulsasse de vez o invasor, o distrito do Rio Grande teria que sofrer as consequências da luta, pelo fato de ser ponto de abastecimento de gado.

Recrudescendo a campanha, os flamengos concentraram as melhores tropas em Pernambuco, substituindo a guarnição do forte Ceulen por tapuias e potiguares, ao mando de oficiais holandeses.

Que situação a dos ultimos remanescentes da antiga Capitania, guardados por ferozes selvagens que, num raio de muitas leguas, espalhavam o terror e a morte !

Era esse o programa de Paul Linge, governador da provincia de Paraiba, á qual pertencia o Rio Grande. Assim, esperava o governador manter o prestigio do dominio holandês.

A aurora da libertação tinha que ser demorada. Ia custar ainda o dia da redenção.

Já se ouvia, porém, o clarinar da alvorada, acordando as energias da pátria, que se formava para a campanha sagrada da libertação.



TRAIADORES E SACRILEGOS

Os processos que os usurpadores punham em pratica, para se manter senhores das terras conquistadas, eram os mais terriveis. Bem o sabiam os infelizes colonos que, alarmados pelas correrias de bandos de indios e flamengos, abandonavam lavoura e criação e iam amparar-se á sombra dos pequenos nucleos de povoação.

Cunhaú foi sempre um dos pontos mais procurados para refugio, por facilitar a vida aos que lá chegavam.

Na tarde de um sabado, a 15 de Julho de 1645, os moradores do pequeno povoado foram surpreendidos com a chegada de um bando de tapuias e potiguares.

Apesar de não irem êles brandindo tacapes nem arremessando flechas, a presença dos barba-ros encheu de pavor a pobre gente, que ali vivia.

Chefiava-os Jacob Rabbi, flamengo terrivel, que ha anos se metera com os indios, vivendo com êles, copiando-lhes os habitos de ferocidade, tor-

nando-se ainda mais sanguinario que os proprios bugres.

O judeu levava instruções de Paul Linge.

Deante da attitude pacifica do bando, o pavor da primeira hora diminuiu um pouco.

Jacob Rabbi fez publicar avisos aos moradores, intimando-os a virem no dia seguinte á igreja, para receber ordens do govêrno de Recife, garantido-lhes que nada temessem, pois se tratava apenas de dar a conhecer novas determinações do Conselho. Na porta da igreja fez afixar um edital assinado pelo Conselho Supremo.

No dia seguinte, pela manhã, o Pe. André de Soveral, velhinho de 90 anos, pastor querido daquele pequeno rebanho atribulado, se dirigiu á igreja, para aguardar a chegada dos fieis que iam á Missa do domingo. Mal sabia que aqueles passos, que dava, eram os ultimos da vida. Não imaginava que ia celebrar pela ultima vez o santo sacrificio da Missa, ou melhor, que ia iniciar na terra a Missa daquelle dia para termina-la no céu, como martir da Eucaristia.

Jacob Rabbi viu o velhinho entrar no templo, e sorriu, prelibando o gozo satanico do festim de sangue que ia dirigir.

O sino da igreja começou a tocar, chamando os fieis.

Quantos não escutaram naquelle toque festivo um dobro de finados ! Quantos deixaram a casa e

caminharam vacilantes, atormentados pela dúvida da sinceridade das promessas de paz do judeu Rabbi !

Os mais tímidos ficaram em casa.

A igreja se encheu. O padre subiu ao altar e começou a Missa.

Lá fóra, a um sinal do judeu, os índios se aproximaram e tomaram as portas do templo.

Era chegado o momento da consagração. O sacerdote elevava em suas mãos a hostia sacrificial, tornada Jesus Cristo pela palavra eterna do Pontífice do universo, quando as portas da igreja se fecharam e os índios caíram sobre os fieis, de tacape e facas em punho.

O pânico foi terrível. Todos rezavam, pedindo a Deus perdão dos pecados. Vozes de supplica se misturavam com gemidos de moribundos. “Na garganta de todos se encontravam a oração e a espada”.

Os que haviam ficado nas casas do engenho, ouvindo os gritos, correram ao templo, abriram as portas aos empurrões e entraram em luta com os atacantes, para morrer também.

Um grupo de tapuias avançou sobre o altar. O velho sacerdote gritou para o bando: — Aquele que tocar no padre ou nas imagens do altar terá os braços ou as pernas paralizados !

Os tapuias recuaram. Mas os potiguares que os seguiam caíram sobre o altar e vibraram um

golpe de morte sobre o padre, que tombou misturando o seu sangue com o sangue do Cordeiro Imaculado que imolava.

O velho sacerdote ainda se ergueu, amparando-se a uma porta em que se gravaram suas mãos. Mas não demorou a cair de vêz, para o lado do altar, com o corpo inanimado.

Algumas crianças foram poupadas.

Gonçalo de Oliveira conseguiu fugir com dois criados.

Momentos depois, pairava na igreja um grande silencio, velando os corpos de sessenta e nove martires.

Ao pé do altar, o Pe. André de Soveral; no piso do templo, o montão de vitimas dos sacrilegos e traídores.

O ARRAIAL DE URUASSU'

A noticia da carnificina de Cunhaú se espalhou celere, transmitida pelos que conseguiram fugir ao terrivel morticinio.

Varios colonos abandonaram o Rio Grande, procurando abrigar-se na Paraiba e em Pernambuco.

O Pe. Ambrosio Francisco Ferro, Antonio Viela Junior, Francisco de Bastos, José do Porto e Diogo Pereira foram bater ás portas do governador holandês, refugiando-se no forte Ceulen.

Algumas familias se foram abrigar em Ferreiro Torto, no engenho de João Lostau Navarro.

Outros, como Matias Moreira, Antonio Baracho, Estevam Machado, Francisco Dias, Manuel Rodrigues Moura, Manuel Alvares Ilha, Antonio Bernardo e João Martins, proferiram organizar um arraial, á pequena distancia do engenho, á margem de uma lagôa, a poucos kilometros do rio, no lugar que os indios chamavam de Uruassú. Uns 70, ao todo, constituíam os moradores do arraial.

Trataram êles de se fortificar, organizando a defesa com as 17 armas de fogo que possuíam, com facas e páus, e construindo em redor uma cêrca. Assim, não seria difficil repelir as investidas dos indios.

Já se iam quasi três meses, e aquella pobre gente ali vivia, entregue a orações e penitencias, fazendo procissões e cantando ladainhas todas as tardes, entregando-se nas mãos de Deus.

Depois da matança de Cunhaú, os tapuias e potiguares haviam descido até Paraíba. A chamado dos flamengos, voltaram êles com Jacob Rabbi.

Os holandeses sabiam da existencia dos refugiados em Ferreiro Torto e Uruassú e temiam que aqueles redutos de foragidos se tornassem pontos de resistencia contra o dominio de Holanda.

Era conveniente exterminá-los.

A empresa foi confiada ao judeu. Os indios caíram sobre o engenho, repetindo as crueldades de Cunhaú, não respeitando idade nem sexo. João Lostau foi levado para a fortaleza.

Depois daquele assalto, Jacob Rabbi, foi explorar o arraial.

Aproximou-se da cêrca e procurou falar aos moradores. Lamentou com êles os fatos de Cunhaú, dizendo que o govêrno holandês já havia tomado providencias contra os culpados — alguns flamengos revoltados, que já estavam nos carceres

de Recife. Examinando bem as possibilidades de resistencia do arraial, despediu-se com a amabilidade hipocrita de quem tinha na alma sinistros planos de traição.

Alguns desconfiaram das palavras do judeu. Um francès que passára pelo arraial aconselhou a fuga como meio de evitar um ataque. A maioria achava que havia segurança para todos.

Quatro dias depois da visita do judeu, o arraial amanheceu cercado. Jacob Rabbi comandava o cerco.

As primeiras investidas os sitiados repeliram com denodo. A's avançadas dos bugres e flamengos sobre a cerca respondiam os dezesete mosqueções, em descargas cerradas. A' noite, maior foi a vigilancia do arraial. A luta continuou no dia seguinte. E se prolongou por varios dias. A cidadela continuava a resistir heroicamente. O judeu tratou de reforçar o cerco, mandando vir do forte Ceulen duas peças de artilharia.

Aos primeiros tiros de canhão, o hereje intimou os defensores do arraial a se renderem, sob pena de serem todos passados a fios de espada.

Não era possivel resistir ao fogo da artilharia.

Os bravos capitularam, sendo-lhes asseguradas vidas e haveres. A troco de passaporte, entregaram armas e munições e mais cinco refens, que deviam ir para o forte. No arraial, ficavam dez

flamengos, a titulo de salvaguardas daquela gente que não tinha mais esperança de paz e apenas aguardava com resignação o dia do martírio.

De que lhes valia a palavra do holandês ? Os quadros de sangue de Cunhaú e Ferreiro Torto se esboçavam na imaginação de todos.

Seria o que Deus quisesse.

Redobravam-se os atos de religião. A' tarde, um Cristo crucificado precedia a procissão de penitencia. Subiam ao céu as notas cadenciadas das ladainhas.

HEROIS E MARTIRES

João Bullestraten, membro do Supremo Conselho de Recife, chegára a Natal. Vinha executar deliberações do Conselho.

Na residencia de Garstman, confabularam secretamente o governador do Distrito, Jacob Rabbi e Bullestraten. Era preciso não deixar vivo nenhum português capaz de pegar em armas.

Na manhã seguinte, 3 de outubro de 1645, os refugiados, presos e refens do forte Ceulen, tiveram ordem para embarcar nos botes, que estavam aprestados para subir o rio. O govêrno holandês, dissera-lhes o representante do Conselho, estava disposto a ampará-los, esperando que todos voltassem ao campo e se entregassem ao cultivo da terra. No arraial de Uruassú, estariam garantidos e livres dos ataques dos indios.

Nas pequenas embarcações se assentaram o Pe. Antonio Franciso, Antonio Vilela Junior, Francisco de Bastos, José Porto, Diogo Pereira, João Lostau Navarro, Antonio Vilela Cid e os outros re-

fugiados e mais uma companhia de soldados flamengos.

Abriram-se as velas e os barcos começaram a singrar, aproveitando a maré montante.

Avizinhando-se do porto de Uruassú, as embarcações aproaram para terra.

O comandante da companhia ordenou o desembarque. E, quando estavam todos em terra, o capitão dispôs a tropa em quadrado, dentro do qual ficaram o Vigário Ferro e seus companheiros.

O comandante mandou que aquela gente indefesa se despisse e se ajoelhasse.

Todos compreenderam que era chegado o momento do sacrificio. E se entreolharam com emoção, encorajando-se mutuamente.

O padre, com animo sereno, estendeu o braço sobre os companheiros, dando-lhes a absolvição.

O ministro protestante que acompanhava a tropa começou a falar aos sacrificandos, exortando-os a que abjurassem a religião católica. Em resposta, ouviram-se brados de fé. Todos queriam morrer por Jesus Cristo e pela sua igreja. Ninguém traiçoeira o seu Deus.

Diante da firmeza da fé, que aqueles bravos demonstraram, o proprio ministro protestante começou a torturá-los, auxiliado pelos soldados, a uns cortando a lingua e rasgando lentamente a carne, a outros arrancando os olhos e decepando os braços.

A um tiro de mosquete, surgiram dos capões de matos mais de 200 índios, que Jacob Rabbi emboscára, chefiados pelo terrível Paroupava. Os selvagens caíram sobre os mártires, reduzindo a pedaços aqueles corpos; já tão mutilados pelos he-rejes, rasgando-lhes os ventres, arrancando-lhes narizes e orelhas, não deixando parte alguma, que não fosse assinalada pelo ferro.

O corpo do padre foi objeto das mais tórpes vilezas.

Por detrás das moitas, dois rapazes presenciaram aquela cena terrível. Deixando casualmente o arraial, tinham ido á margem do rio. Vendo os botes que se aproximavam, esconderam-se e puderam, assim testemunhar aquella carnificina.

Voltaram ao acampamento e ainda exaustos de correr, contavam o que viram, quando, além da cêrca, surgiram Jacob Rabbi e os oficiais flamengos. Um raio de pavôr atravessou os corações daquela gente.

Os chefes holandeses, aproximando-se, convidaram os homens para ir á fortaleza. Havia papeis a assinar, para serem remetidos ao Supremo Conselho.

Bem sabiam os bravos defensores do arraial que tudo aquilo era uma cilada. E, em lagrimas de despedida, abraçaram as esposas e filhinhos. Não voltariam mais. Saíram rezando.

Na vespera, como se o céu lhes avisasse que a gloria do martirio não tardava, jejuaram a pão e agua e apertaram os rins com duros cilícios.

Ao se aproximarem das margens do Potengi, viram os indios e os soldados que os esperavam, e, mais de perto ainda, contemplaram os corpos mutilados dos primeiros martyres.

O pastor protestante quis exortá-los, mas as confissões de fé, em altas vózes, o fizeram calar.

Soldados e indios caíram sobre as vitimas do hereje invasor. Antonio Baracho foi amarrado a uma arvore. Cortaram-lhe a lingua e os membros, queimaram-lhe a carne com ferro em brasa, rasgaram-lhe as costas para lhe arrancarem o coração.

Matias Moreira, quando lhe abriram as costas e lhe tiraram o coração, ainda pode exclamar, numa sublime confissão de fé: — "LOUVADO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO".

Estevam Machado de Miranda, Manuel Rodrigues Moura e demais bravos defensores do arraial sentiram tambem as mãos dos selvagens penetrando em suas entranhas, para lhes extrair os generosos corações.

A esposa e as filhas de Estevam Machado e a mulher de Manuel Rodrigues quiseram acompanhar os martyres ao lugar do sacrificio, e levaram ainda uma filha de Antonio Vilela Junior e outra de Francisco Dias.

Um indio suspendeu na mão esquerda a filha de Antonio Vilela Junior e com a direita vibrou o tacape, esfacelando o craneo da menina. Um soldado fez cruces em duas partes do corpo da filha de Francisco Dias. Duas filhas de Estevam Machado de Miranda foram massacradas, ficando com vida a mais velha, moça de rara beleza, que os holandeses venderam aos indios por um cão de caça. A mulher de Manuel Rodrigues ficou estendida no chão, de pés e mãos cortados, ao lado do cadaver do marido.

Mais piedosos, talvez, que os brancos de além-mar, os selvagens quiseram poupar ao morticinio oito jovens que elles desejavam levar para as tabas. Os holandeses ofereceram a vida aos moços, com a condição de assentarem praça nas hostes invasoras. Mas elles repeliram a proposta, com firmeza bem digna de suas crenças e de seu patriotismo, afirmando que não queriam mais viver quando viam seus pais, parentes e amigos mortos aos seus olhos e que sómente por seu Deus e por seu rei e contra os tiranos pegariam em armas.

Aquela resposta lhes valeu o mais atroz martirio.

Ainda quiseram os bätavos seduzir o ultimo dos oito herois. Chamava-se elle João Martins. Repetiram a proposta de condições de ser poupado, mas elle respondeu varonilmente: "Não me desampara Deus. Armas tomei sempre contra os tira-

nos e jámais contra a minha pátria e o meu rei. Matai-me logo, pois, tenho inveja da morte e da gloria dos meus companheiros”.

Vendo quanto aquele martir padecia, Manuel Alvares Ilha e Antonio Bernardo, já mortalmente feridos, conseguiram ainda, num grande esforço, puxar da cinta as facas que costumavam trazer, e levantando-se alucinados, avançaram sobre os indios, matando três e ferindo cinco bugres, caindo logo depois, sem vida.

Estavam cumpridas as ordens do Supremo Conselho.

Amarrados a arvores, corpos sem cabeças, com visceras rasgadas e membros cortados. No chão, cobertos com a mortalha rubra do proprio sangue, restos informes de carne massacrada. Espetados nas estacas, os corações dos heróis e martires...

Depois daqueles atos de requintada selvageria, a avançada sobre as mulheres indefesas que haviam ficado no arraial.

Entre urros terriveis de selvagens e alaridos da soldadesca animalizada, indios e holandeses fizeram cair sobre matronas e donzelas o opróbrio e a deshonra.

GLORIFICAÇÃO

Foi uma tarde de desolação para o arraial de Uruassú aquela de 3 de outubro de 1645.

A hora terrível dos barbaros ali estivera, deixando assinalados os mais tristes vestígios de sua passagem.

Mulheres vagavam em torno das ruínas das palhoças, que as abrigaram outrora, nos dias da resistência, á procura de restos de panos que lhes cobrissem a nudês. Os holandeses e os índios lhes haviam rasgado os vestidos, deixando-as despidas e deshonradas.

Choravam crianças, chamando por seus pais.

Viúvas e orfãos, em abraços angustiosos, procuravam amparar a propria dôr na dôr alheia, como se conforto pudesse dar um coração a outro coração a padecer da mesma pena.

Nem ao menos lhes fôra permitido ir ao local do suplicio, para dar sepultura aos seus mortos queridos.

Pela manhã, a pequena Adriana, filha de Diogo Pinheiro, entrando em casa para chorar ás escondidas, vira uma formosa virgem, de manto azul sobre um vestido branco, com um azorrage na mão. A extranha mulher afirmára á menina que em breve seriam punidos os herejes que naquele instante estavam martirizando os defensores do arraial.

Aquela visão fôra Nossa Senhora que agora era invocada com tanta piedade.

E não tardou o socorro do céu.

A mulher do governador holandês conseguira do marido permissão para levar para sua casa, em Natal, as viúvas e filhas dos martires.

Portuguesa de nascimento, vivia ela no Brasil na época da conquista holandesa. Afeiçoando-se por Gartsman, casara-se com êle.

Aproveitando-se de sua situação de esposa do governador, pedira ao marido consentimento para proteger as vitimas dos herejes. Naquela mesma tarde, fez transportá-las para Natal.

Alta noite, quando tudo era silencio, a mulher de Gartsman despertou ao som de uma extranha musica. Continuando a ouvir a melodia, despertou o marido, que acordou sobressaltado.

Dentro de alguns instantes, todos os da casa haviam acordado.

Lá fóra ninguem a tocar. Gartsman notou que a melodia vinha do alto. E todos observaram que a harmonia parecia vir das margens do Potengi. Presos de emoção alguns, outros de terror, os holandeses, juntamente com as mulheres, verificaram que aquela musica ceeste pairava sobre os campos de Uruassú, ensopados com o sangue dos heróis cristãos.

Eram, por certo, os anjos do Senhor, a velar aqueles corpos mutilados dos heróis riograndenses, a cantar nos espaços a glorificação imperecível dos que souberam morrer para a vida terrena, deixando aos posteros a poeira de luz de seus feitos memoraveis, como se, demandando a vida que vai além dos séculos, a vida que se eterniza na bem-aventurança, fossem semeando, de passagem pelos espaços, a via-látea de suas glorias.

Lgrimas de emoção correram abundantes pelas faces encovadas das viúvas e dos orfãos.

Era a compensação do sofrimento.

Ninguem mais dormiu na casa de Gartsman, naquela noite.

Pela manhã, muitos holandeses atravessaram o rio e foram a Uruassú, cheios de curiosidade. E voltaram contando que sentiram um perfume esquisito, como um cheiro de incenso, a recender dos corpos.

Sómente quinze dias depois, os chefes holandeses permitiram sepultar os mortos.

As familias dos martyres foram ao porto de Uruassú. A' medida que se avizinhavam, sentiam mais forte o perfume que os corpos exalavam. Aproximaram-se. Os corpos não se haviam corrompido. Parecia que o sangue do Pe. Ferro e dos companheiros havia sido derramado naquele instante.

Esposas, filhos e amigos ajoelharam-se e beijaram piedosamente a carne massacrada dos bravos. Cavaram depois, as covas, amortalhando os corpos com lagrimas e preces e depositaram na terra sagrada com sangue generoso os despojos dos heróis cristãos.

EXTRANHO AVISO

Aos chefes da insurreição pernambucana chegaram logo as noticias das atrocidades dos holandeses no Rio Grande.

Ainda bem não se apagára da memoria de todos a lembrança do morticínio de Cunhaú, e já se vinha a saber do que se passára em Uruassú, com todos os pormenores da requintada selvageria que revestiu o doloroso acontecimento.

Não era mais possivel adiar a remessa de socorros á antiga Capitania. Era preciso amparar os seus ultimos remanecentes e garantir a posse de campos, onde havia tanto gado necessario ao abastecimento das tropas libertadoras.

João Fernandes Vieira escolheu a João Barbosa Pinto para comandante da expedição ao Rio Grande.

A' frente de algumas companhias de guerreiros, o capitão partiu. E marchou durante alguns dias, indo acampar no engenho Cunhaú.

Em volta do engenho, cavou algumas trincheiras e levantou fortificações ligeiras.

A noite, um fato interessante se passou. Quando o acampamento dormia, a sentinela pressentiu a aproximação de patrulhas e, percebendo que se avizinhavam soldados inimigos, deu sinal de alarme. A tropa acordou. Cada soldado municiou a arma e tomou posição de combate.

Os rumores que denunciavam ataque desapareceram mas a tropa continuou em linha de batalha.

Quando o dia clareou, Barbosa Pinto mandou fazer um reconhecimento, não descobrindo sequer vestígios de passos do inimigo.

Na noite do segundo dia, novo brado de alarme da sentinela. Ouviram-se os mesmos rumores da noite precedente. O comandante mandou a tropa estender em linha do combate. Veio a aurora, sem que se disparasse uma arma.

Novos reconhecimentos, agora feitos com mais interesse. Nenhum vestígio de patrulhas.

Barbosa Pinto ficára pensativo. Que seria aquilo? Seriam fantasmas, amedrontando os guerreiros? Seria algum aviso do céu?

Com aquela preocupação a lhe morder o pensamento, o capitão viu chegar a noite do terceiro dia. E ficou a velar. De repente, o brado da sentinela. E êle ouviu claramente o tinir de armas e o

estalar de ramos que se quebravam á passagem precipitada de alguém. Deu ordens de comando e ficou a esperar o ataque. Cessára o movimento.

O dia amanhecera. Barbosa Pinto quis em pessoa fazer o reconhecimento.

Depois de muitas pesquisas, nenhum vestigio de passos, nenhum ramo quebrado.

O comentario da soldadesca foi um só. Aquilo era um aviso do céu. Eram, por certo, as almas dos martyres sacrificados na igreja, a 16 de julho, que vinham avisar ser aquele lugar perigoso, sujeito ás surpresas de ataques, e que era preciso mudar quanto antes o acampamento.

Com a alma emocionada, Barbosa Pinto mandou levantar o acampamento. E, no mesmo dia, a tropa abalou para outro ponto, de mais facil entrincheiramento por ser acessivel apenas de um lado.

Mal Barbosa Pinto havia entrincheirado a tropa, um grosso contingente de mais de 400 holandeses desembarcava na baía da Traição e marchava sobre o engenho, auxiliado pelos indios do terrivel Pedro Poti, conhecido pelas atrocidades, que cometera na Paraíba.

A' noite, os bátavos atacaram Cunhaú, e não encontrando com quem combater, saíram no encalço dos patriotas, investindo contra o novo acampamento.

Se tivessem ficado no primeiro ponto onde estiveram, os nacionais teriam sido derrotados. Aquele simulácro de ataque nas três noites, fôra, realmente um aviso do céu.

Os invasores foram bravamente repelidos e desbaratados, recuando em debandada, indo procurar refugio no forte Ceulen.

Depois da vitoria, não convinha a Barbosa Pinto marchar sobre Natal. Ignorando de que forças dispunha o antigo forte dos Reis Magos, seria temeridade avançar sobre suas muralhas. Era mais prudente voltar á Paraíba.

Pondo a tropa em marcha, partiu para o arraial de Santo André.

CAMARÃO

Em defesa do Rio Grande havia chegado o seu grande filho, D. Antonio Felipe Camarão.

O bravo chefe indigena era um dos valentes capitães das forças libertadoras.

Nascido ás margens do Potengi, na aldeia de Igapó, em 1580, aliára-se aos portuguezes aos 18 anos de idade, quando já era entre os de sua tribu um valente guerreiro. Os padres jesuitas o educaram e o instruíram na fé, recebendo êle o batismo e casando-se em 1612.

Acompanhou a Jeronimo de Albuquerque na conquista do Maranhão.

Quando começou a luta da redenção da terra martirizada pelo jugo holandês, Camarão foi um dos capitães das Companhias de Emboscadas, merecendo brazão darmas e o titulo de capitão-mór dos indios do Brasil, com um soldo de 400\$000.

Quando Matias de Albuquerque e Bagnuolo acharam prudente abandonar Vila Formosa, na

impossibilidade de manter as posições de Nazaré, D. Antonio sustentou a retaguarda dos retirantes.

D. Fradique de Toledo trouxe-lhe o titulo de DOM que lhe mandára el-rei.

Pelejára em Mata Redonda, comandára guerrilheiros quando Bagnuolo concentrára forças em Porto Calvo, déra combate a Artichfshy e abrira caminho á Goiana, quartel general dos libertadores.

Agora, cumpria-lhe a missão de defender a terra de seu berço.

A's suas ordens, marcharam para o Rio Grande o seu regimento e mais duzentos indios, ribeirinhos de S. Francisco. Na Paraiba, colocou á testa da columna cincoenta homens batedores do sertão, e continuou a marcha, destruindo aldeias de tapuias e potiguares, indo acampar ao norte de Cunhaú, no mesmo local em que Barbosa Pinto vencera os holandeses.

O Supremo Conselho de Recife alarmara-se com a noticia da permanencia do chefe indigena no Rio Grande. Era preciso garantir aquella conquista que se tornára celeiro, a fornecer sempre aos invasores grande quantidade de gado e de farinha.

Je Bas, membro do Conselho, partiu para o forte Ceulen, com dois navios e um reforço de sessenta soldados e com indios de Itamaracá, e um

outro igual, de Cabedelo, além dos tapuias comandados por Jacob Rabbi e pelos filhos de Janduí. Ao todo, mais de mil homens.

Camarão dispunha apenas de uns seiscentos combatentes.

Aproveitando o terreno, cuja defesa era favorecida, de um lado, pelo rio e, do outro, por uma espessa mata de tabocas, o grande chefe levantou fortificações apenas no lado aberto.

Aguardando as horas de combate, êle se ajoelhou diante de um crucifixo esmaltado que trazia consigo, o qual tinha no lado oposto uma imagem da Virgem.

Depois da prece ardente e cheia de fé, organizou seus soldados em três filas, ordenando que não perdessem tiro e que enquanto a primeira carregasse, a segunda passasse á frente, para descarregar, depois a terceira, evitando-se assim, interrupção no tiroteio. Acrescentou que se faltasse pólvora ou bala, gritassem todos por São João e Santo Antonio e seriam logo municidados.

Os holandeses, comandados por Rhineberg, partiram de Natal, ao encontro de Camarão. A 27 de janeiro de 1646, cercavam êles o acampamento e iniciavam o combate.

Os soldados de D. Antonio cumpriram fielmente as ordens recebidas. E o fizeram tão bem que carregavam os mosquetes demais, ocasionando uma forçada manobra, tão interessante quanto

feliz. As armas esquentadas pela repetição das descargas davam um couce tão forte nos peitos dos atiradores, que os derrubavam em linha, permitindo assim que as balas inimigas passassem acima dêles, sem os atingir. Ao vê-los cair, D. Antonio supôs que seus soldados estivessem todos mortalmente feridos. Mas quando viu que êles se erguiam e faziam novas descargas, reanimou-se na peleja.

Ante a resistencia do acampamento, Rhineberg concebeu novo plano de ataque, dividindo seus soldados em três colunas, uma das quais sustentaria o fogo enquanto outra forçaria a passagem do rio e a terceira tentaria escalar o tabocal.

Mas Camarão havia disposto seus guerreiros de modo a defender todos os pontos.

Os flamengos que avançaram sobre o tabocal sentiram-se envolvidos em duas emboscadas e trataram de fugir. Os que tentaram atravessar o rio receberam uma chuva de setas dos indios entrincheirados na outra margem.

Aos gritos de vitoria dos soldados nacionais, o chefe holandês bateu em retirada, em desordem abandonando armas e bagagens, deixando no campo da luta cento e cinquenta mortos.

Os nacionais tiveram apenas três feridos.

Acabára-se a munição. Não era possível perseguir o inimigo e sitiar o forte Ceulen.

Depois de uma semana de descanso, Camarão voltava á Paraíba, para refazer a tropa.

JACOB RABBI

Do arraial de Santo André, mandára Camarão a Pernambuco o capitão João de Magalhães, levando duzentas cabeças de gado que o chefe indígena trouxera do Rio Grande. De volta, o capitão traria armas e munições.

A certeza de que o inimigo concentrava tropas no forte Ceulen fez com que Vidal de Negreiros partisse para o norte, comandando seis companhias.

Em Paraíba, o bravo chefe se encontrou com D. Antonio, reunindo-se ambos para investir contra os bátavos, armando ciladas com que envolviam os invasores, que procuravam abrigar-se nas fortalezas.

Depois dos sucessos de algumas refregas, Vidal julgou de seu dever voltar ao novo arraial do Bom Jesus, pois que as noticias do Rio Grande informavam não ser tão grande o numero dos soldados que guarnecia o forte Ceulen e a cidade. A Ca-

marão deixou o encargo de dar nova batida na Capitania.

D. Antonio marchou com seus soldados para o Rio Grande, levando, de passagem, tudo de vencida, ateando fogo ás casas, degolando os que supunha cúmplices dos holandeses, arrebanhando o gado que encontrava.

Aos prejuizos dos flamengos com a marcha victoriosa das hostes nacionais, juntaram-se outros não menos importantes.

A morte de Jacob Rabbi causou aos holandeses um prejuizo incalculavel, não sómente porque perdiam êles um ótimo elemento de prestigio para os selvagens, como tambem porque os indios estavam revoltados contra o assassinio do seu amigo e pediam a punição dos culpados.

Não esperava Gartsman que a morte do judeu provocasse tanta celeuma entre os hugres.

Havia anos, Jacob Rabbi aportára ao Brasil.

Espirito aventureiro, soubera conquistar a amizade dos naturais, metendo-se com êles nas tabas, vivendo a mesma vida selvagem que êles levavam, desposando uma india, tornando-se de instintos tão ferozes quanto os barbaros.

Depois da invasão holandesa, êle se aproximou dos flamengos quando estes já se haviam apossado da Capitania do Rio Grande. E com êles fizera estreita amizade, visando tirar partido da

invasão, com locupletar-se de benefícios que lhe poderiam advir com o saque das propriedades dos portugueses.

A' frente dos ferozes tapuias, espalhou muitas vezes o horror pela Capitania. Celebrizára-se pelos morticínios de Cunhaú e Uruassú.

Quando êle cercou e destruiu o engenho Cunhaú, áquella propriedade pertencia ao comandante do forte Ceulen o governador do Distrito.

Gartsman julgára ousadia de Jacob Rabbi atentar contra a sua propriedade. Sentindo-se humilhado, deliberou vingar-se do malfeitor. Confabulando com o alferes Jacques Boukan, conseguiu que aquelle destacasse dois officiaes para dar cabo do judeu.

Numa tarde, reuniram-se em casa de Johan Miller, que morava fóra da cidade, alguns elementos representativos do govêrno holandês. Gartsman e Jacob Rabbi estavam presentes. Depois da ceia, o governador do Distrito se despediu de Miller, alegando afazeres e, montando a cavallo, saiu a galope.

Mais tarde, o judeu se retirava tambem. Quando se havia afastado algumas braças da casa, ouviu um disparo e sentiu que uma bala lhe varára o coração. E caiu sem vida.

A morte do grande amigo dos selvagens causara profundo desgosto ás tribus aliadas dos fla-

mengos. Os tapuias exigiram a punição dos culpados.

O Supremo Conselho mandou abrir inquerito e, apurando a responsabilidade de Gartsman, prendeu o governador e o mandou para a Holanda.

Junduí achou, porém, que aquele castigo não era suficiente e só se reconciliou com os flamengos depois que recebeu, de presente, duzentos florins, mil varas de fazenda, cem galões de vinho e 40 de azeite, duas pipas de aguardente e uma barrica de carne salgada.

Assim findára aquele judeu terrível, que tanto mal fizera ao Rio Grande.

O azorrague da Virgem vergastára o impenitente assassino de tantas vitimas.

OS TERÇOS DE HENRIQUE DIAS

Segismundo von Schokoppe voltára ao Brasil.

A's ordens do chefe holandês, viajaram seis mil homens de desembarque, marinheiros e voluntarios.

Em sua companhia haviam chegado a Pernambuco novos membros para o Conselho Supremo.

Quando Segismundo partira da Europa, soubera-se que êle pretendia desembarcar no Rio Grande e marchar até Recife.

Para preparar a defesa do novo arraial do Bom Jesus e das cidades conquistadas aos invasores, os chefes da insurreição concentraram todas as forças em Pernambuco.

Camarão, que dominava as regiões marginais do Potengi, fôra chamado.

Fernandes Vieira recomendára ao capitão dos índios que conduzisse consigo os moradores da Paraíba e do Rio Grande. Assim, Schokeppe não encontraria no norte com quem combater.

D. Antonio, cumprindo as ordens recebidas, abalou para Pernambuco, arrebanhando enorme quantidade de gado.

Depois de uma viagem de seis meses através do Atlantico, o general holandês desistira do plano traçado e resolvera desembarcar logo em Recife, para iniciar imediatamente o ataque aos nacionais.

Abandonado pelas tropas libertadoras, o Rio Grande tornára-se campo de ação dos índios e dos flamengos.

Holandeses e bugres, aproveitando aquele abandono, trataram de cultivar a terra. Já o engenho Cunhaú estava restaurado e prestes a moer.

Ao saber que os intrusos estavam aproveitando-se das terras abandonadas, os chefes da insurreição mandaram Antonio Dias Cardoso, com mais de trezentos homens, destruir-lhes as propriedades.

Dias Cardoso ficou na Paraíba, enquanto Cosme do Rego Barros marchou sobre Cunhaú, com um destacamento de cento e sessenta soldados.

Barros cercou o engenho, venceu a resistencia do inimigo, incendiou-lhe as casas, fez muitos prisioneiros e ainda arrebanhou trezentos bois que levou para Pernambuco.

Com a retirada dos nacionais, os flamengos se instalaram novamente em Cunhaú.

Agora era Vidal de Negreiros quem ia combate-los.

Penetrando no Rio Grande, Vidal cercou o engenho e mandou que João Barbosa Pinto fosse mais ao norte, ás campinas do Ceará-Mirim, e trouxesse o gado que por lá encontrasse.

A Negreiros foi mais pratico regressar a Pernambuco, levando o gado que Barbosa Pinto juntára do que apossar-se do engenho. As provisões eram tão necessarias quanto a munição.

O assalto a Cunhaú seria um dos episodios da entrada dos terços de Henrique Dias no Rio Grande.

O chefe negro quisera deixar Pernambuco sem que ninguem pressentisse a sua ausencia. Preferia que a noticia de sua ida ao norte fosse a consequencia de sua passagem memoravel pelas terras do Rio Grande.

Levando mais alguns soldados de Camarão, Henrique Dias partiu com os seus terços. Por onde passava, ia deixando os vestigios de heroismo dos seus negros, vencendo as dificuldades a ferro e fogo.

A's margens da lagôa Guarairas, acampou com os seus homens.

Numa ilha situada na lagôa, os flamengos haviam levantado algumas fortificações que eram guarnecidas por soldados e indios e protegidas por

duas linhas de trincheiras. No centro, a casa forte, onde se guardavam os frutos da terra e da pilhagem.

Ao anoitecer, o chefe negro dispôs os soldados para assaltar as fortificações. Exortou a tropa a lutar com confiança na vitória.

Os negros aliraram-se á agua, avançando sobre a ilha. Com agua pela cintura, começaram a escalar. Galgaram a primeira trincheira.

Os holandeses defendiam-se com furor mas o avanço era impetuoso.

A segunda trincheira foi assaltada.

Vendo-se perdido, o chefe holandès tratou de fugir, metendo-se numa canòa, com mais cinco companheiros.

Os nacionais, avançando sobre as fortificações, passaram á casa forte e começaram, então, a exterminar o reduto inimigo, degolando a quantos lhes caíam nas mãos, sem distincção de sexo nem de idade.

Sómente os cinco que fugiram com o capitão escaparam com vida. Os atacantes perderam apenas três soldados.

Quando amanheceu o dia, Henrique Dias viu os estragos do reduto e sorriu diante da vitória. Era 6 de janeiro de 1645.

Aquele dia foi aproveitado para sepultar os mortos, cuidar dos feridos e refazer a tropa.

Na manhã seguinte, o chefe negro marchou sobre Cunhaú.

Aproximando-se do engenho, Henrique Dias estacionou e mandou um trombeta ao chefe flamengo, com intimação para que se rendesse, dizendo-lhe que o reduto de Guarairas já havia sido tomado.

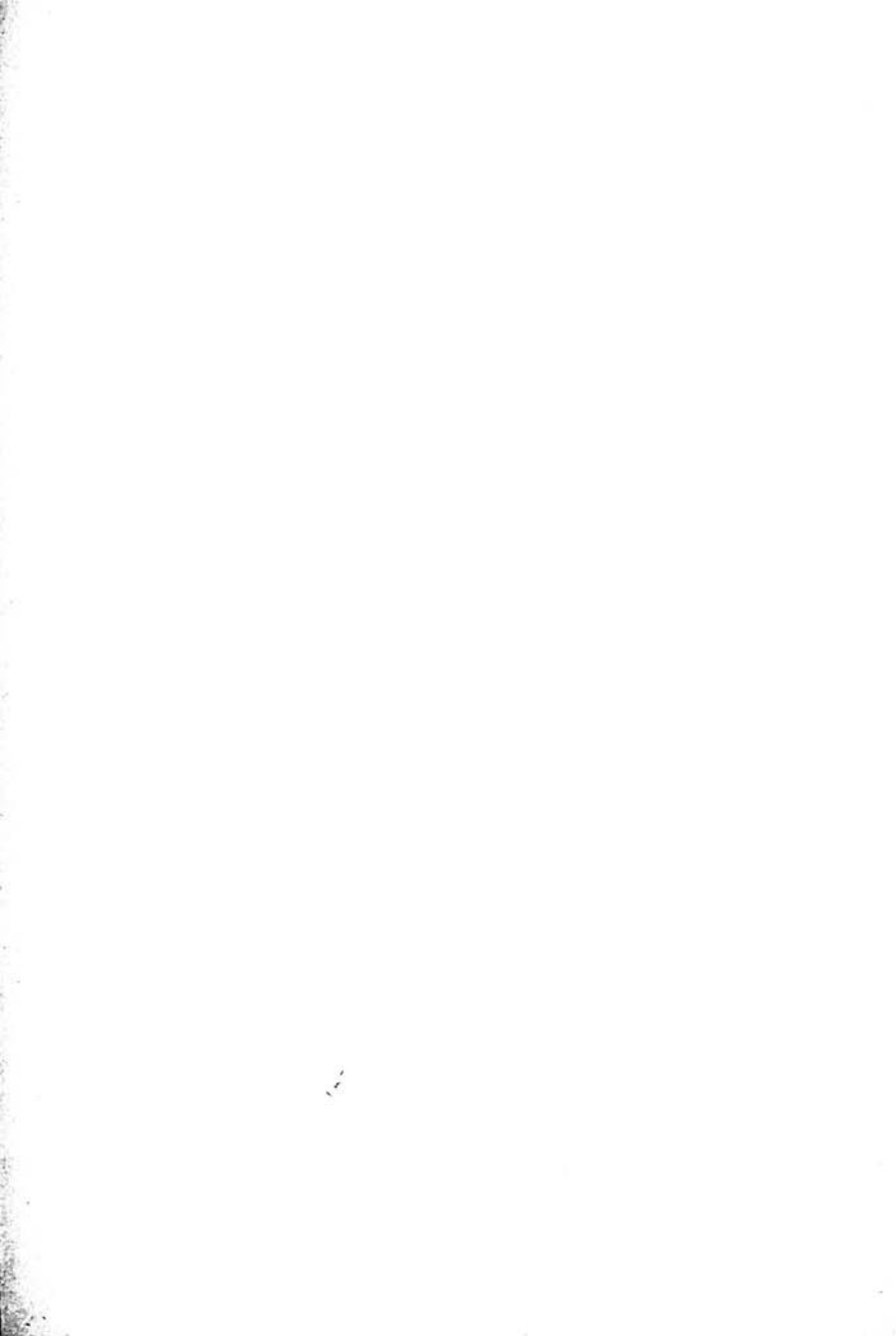
Não acreditando nas palavras do general negro, o holandês mandou-lhe uma resposta dubia, esperando ter tempo para preparar a defesa.

Henrique Dias mandou-lhe uma segunda embaixada e, como a resposta demorasse, ordenou que os soldados aproveitassem a lenha que estava proxima ao engenho e fizessem o cerco das casas, para o incendio.

A ordem do bravo chefe foi executada com presteza. O incendio teria devorado tudo se, ao atear, uma portuguesa, mulher de um holandês, não saísse de casa, a pedir clemencia.

Henrique Dias atendeu a supplica e mandou apagar o fogo.

Os negros prenderam todos os holandeses e saquearam todas as casas. Depois, destruíram as fortificações. E abalaram para o arraial do Bom Jesus, levando os despojos das vitorias conquistadas.



REDENÇÃO

Aproximava-se do ocaso o sol holandês que por tantos anos pairava nos céus americanos.

A insurreição dos libertadores avolumava-se cada vez mais. O sentimento de nacionalidade, que a guerra despertára, tornava-se cada vez mais forte.

Os montes Guararapes se haviam talhado em monumentos imperecíveis á gloria de tantos bravos.

Os invasores sentiam a pressão terrível dos nacionais.

Os indios aliados aos flamengos estavam dispersos desde que Pero Poti, o terrível cacique, havia caído prisioneiro.

Cada vez mais se afervoravam as preces a Deus pela libertação da terra ultrajada pelos herejes. Repetiam-se as procissões, renovavam-se as exposições do S.S. Sacramento em todas as igrejas.

Não tardariam a cruzar os mares da colonia as náus da "Companhia Geral do Comercio do Brasil", para cuja organizaçào tanto se empenhára o Pe. Antonio Vieira.

Os holandeses não recebiam mais auxilios da Europa.

A tropa que guarnecia Recife não ia a três mil homens.

A fome ameaçava os intrusos, que já não podiam abastecer-se. Os campos do norte estavam devastados.

Depois dos feitos memoraveis dos terços de Henrique Dias, os flamengos ainda conseguiram viver no Rio Grande. Mas não tardou que os nacionais lhes dessem nova batida.

A 16 de julho de 1651, Barbosa Pinto, á frente de trezentos soldados, deixava o arraial do Bom Jesus, com destino ao Rio Grande.

Sabedores da aproximação das tropas libertadoras, os flamengos procuraram abrigo na lagôa Guarairas, na mesma ilha que lhes servira outróra de reduto, e que os negros de Henrique Dias tomaram a pontas de espadas.

Barbosa Pinto atacou o novo reduto.

Depois de combater inutilmente, os holandeses capitularam.

O capitão lhes poupou as vidas. E regressou a Pernambuco, levando presos oitenta e três comba-

tentes, entre flamengos, indios e negros, conduzindo também o gado que conseguira reunir, deixando de sua marcha sinais de destruição, que atestavam a sua passagem.

Depois da retirada de Barbosa Pinto, os flamengos voltaram ainda uma vez ao Rio Grande. Não era possível desprezar aquela zona de campos tão férteis, que se tornára celeiro de ambos os contendores.

Os bátavos se instalaram nas terras do Potengi e trataram de fazer plantações e comerciar com páu-brasil. Um ano depois, tinham êles muita roça a colher.

A missão de expulsá-los mais uma vez e de destruir suas plantações coube ao sargento-mór Antonio Dias Cardoso.

Chegando de surpresa ao Rio Grande, o sargento-mór fez muitas prisões, destruiu roças, ateou fogo ao páu-brasil que encontrou e voltou ao arraial do Bom Jesus sem perder um só homem, com imensa alegria para os insurrétos.

Mais tarde, Recife, broqueado por mar e por terra, entregava-se aos nacionais. A 26 de janeiro de 1654, na campina de Taborda, assinava-se a capitulação. E a 28, Francisco Barreto entrava triunfalmente em Recife, em companhia dos chefes libertadores.

Faltava naquele momento, para partilhar da vitoria, o grande Felipe Camarão, que cerrára os olhos para o mundo antes da expulsão dos invasores, em 1648, morrendo cristãmente, chegando ao fim da vida carregado de troféus, contando quasi os dias de vitoria pelos da existencia. Por que vencêra como guerreiro e como cristão. Lutára com o braço e com a consciência. Herdando o sangue barbaro dos antepassados, conseguira, no entanto, ser afavel e bom. Nenhum chefe fôra mais amado nem mais obedecido pelos soldados. Nenhum cristão de além-mar fôra mais piedoso. Diariamente, ouvia missa e rezava o Officio de Nossa Senhora. E não entrava em combate sem primeiro fortalecer a coragem com os sacramentos e a oração, e sem levar ao pescoço o relicario que continha as imagens do Crucificado e da Virgem. Ao bravo filho das plagas potiguares não foi dado partilhar das alegrias da vitoria final e ver a terra do seu berço libertada definitivamente de seus algozes.

Depois de se apoderar de Recife, Francisco Barreto mandou Francisco de Figueiroa tomar posse da Capitania do Rio Grande do Norte.

Quando o emissario do general chegou a Natal, já o forte dos Reis Magos estava abandonado. Os holandeses haviam fugido, deixando a terra que tanto martirizaram e que se tornou sagrada pelo sangue generoso dos sacrificados por Deus, pela Pátria e pelo Rei.

BIBLIOGRAFIA

Autores consultados :

FREI RAFAEL DE JESUS, Castrioto Lusitano; LOPO CURADO GARRO, Breve, verdadeira e autentica Relação das ultimas tiranias e crueldades que os perfidos holandeses usarão com os moradores do Rio Grande; SANTIAGO, Rev. Inst. Hist. Brasileiro; ROBERTO SOUTHEY, Historia do Brasil; BEAUCHAMP, Histoire du Brésil; HANDELMANN, Historia do Brasil; R. GALANTI, Historia do Brasil; ROCHA POMBO, Historia do Brasil, Historia do Rio Grande do Norte, TAVARES DE LIRA, Historia do Rio Grande do Norte; LUIS DA CAMARA CASCUDO, o Brasão Holandês do Rio Grande do Norte; VICENTE DE LEMOS, Capitães-móres do Rio Grande do Norte.



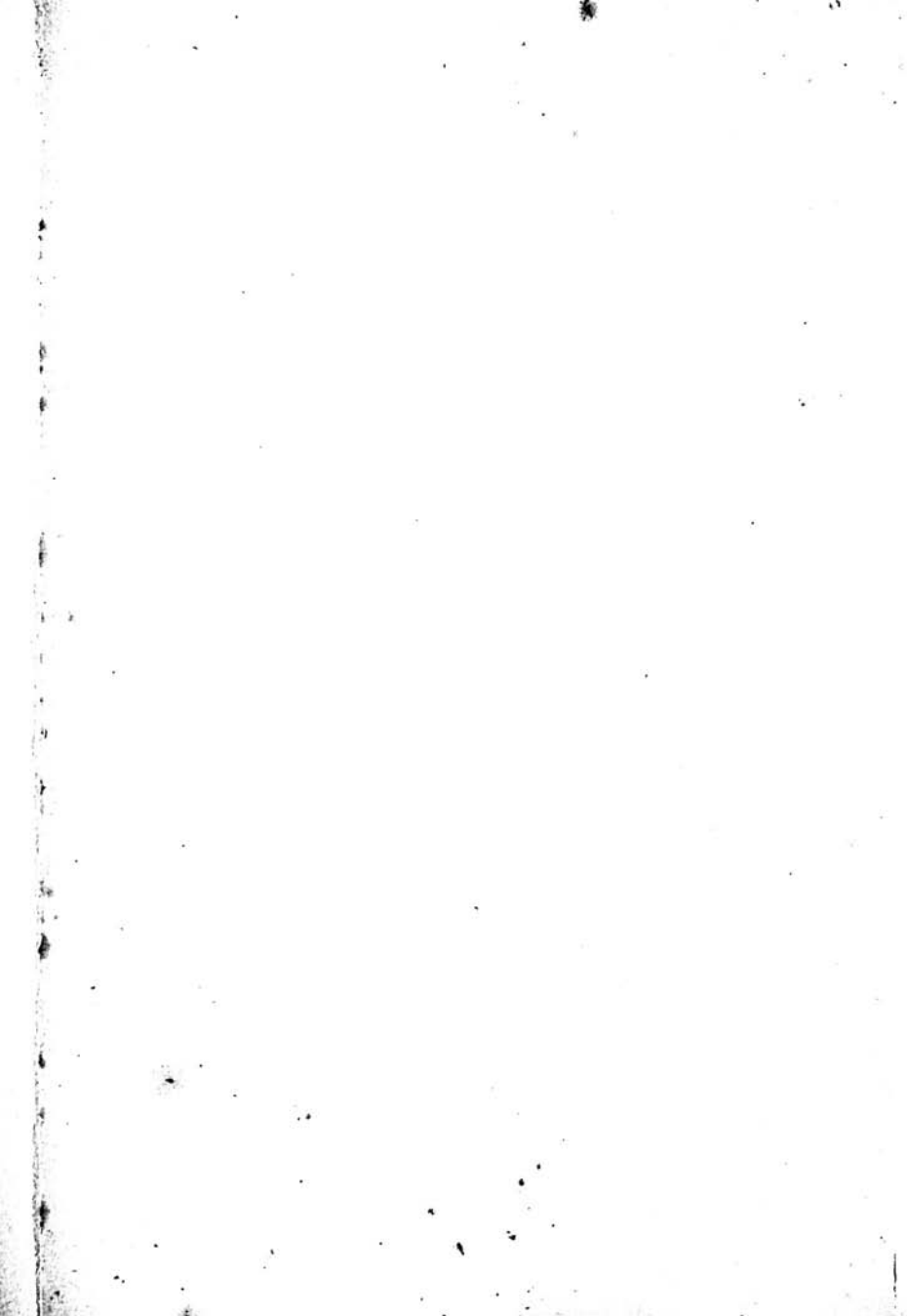
INDICE

	PAGINAS
PREAMBULO	9
I — O Aviso de Matias de Albuquerque	11
II — Marciliano	17
III — Calabar	27
IV — A Rendição da Capitania	31
V — O Forte Ceulen	37
VI — Jaguarari	41
VII — Primeiros Reveses	45
VIII — Os Janduis	49
IX — Terra Desolada	53
X — A Marcha de Luis Barbalho	57
XI — Alvorada	63
XII — Traidores e Sacrilegos	67
XIII — Arraial de Uruassú	71
XIV — Herois e Martires	75
XV — Glorificação	81
XVI — Estranho Aviso	85
XVII — Camarão	89
XVIII — Jacob Rabbi	93
XIX — Os Terços de Henrique Dias	97
XX — Redenção	103
BIBLIOGRAFIA	107
INDICE	109



Livros do Revmo. Padre J. Cabral

- Lutas da mocidade — 2.^a edição
Conceitos e Factos —
Nas linhas de frente —
No terreno dos principios 2.^a edição
Limitação da natalidade
A Miragem Sovietica
Jesus Cristo — Rei dos Reis
Imitação de Cristo — 2.^a edição
Minhas Orações — 1937
A Perola Oculta — Vida da Beata *Beatriz da Silva* — 1937
Espírito e Vida — 1937
A Questão Judaica — 1937



"CASAMENTO E

FECUNDIDADE"

Um modernismo mal entendido criou uma verdadeira avidez em torno de assuntos sobre sexualidade ou sexuologia. Aliás, ha ai somente um fenomeno de decadencia. Mas os homens impressionaram-se de que é preciso estudar questões sexuais. E os livros aparecem e são devorados.

E em meio a essa legião de livros que surgem, qual seria a porcentagem dos que mereciam o qualificativo de bons? Minima, é certo. Já que existe o interesse por essa literatura, devemos publicar obras que orientem, esclareçam com sinceridade as dificuldades geradas por tais problemas.

A tradução de "Mariage et Fécondité", Pierre L'Homme, obra já vertido para varias linguas e que tem conseguido rapida difusão na França. Ela chega em momento oportuno.

Qual a doutrina da Igreja sobre o assunto?

"CASAMENTO E FECUNDIDADE", vai ensinal-o, vai pronunciar-se baseado em teologos e ginecologos de valor, sobre as descobertas de Ogino-Knaus-Smulders.

Com aprovação eclesiastica.

Volume brochado 4\$000

Editora A B C

em sua coleção

"PARA NOSSAS FILHAS"

apresenta elegantes brochuras, a preços especiais, em traduções primorosas e leitura "bôa" para Meninas, Moças e Senhoras.



I - DIVA "Perfil de Mulher" — um dos mais interessantes romances de José de Alencar

25000

II - AS PUPILAS DO SR REITOR — O grande successo da cinematografia portuguesa; a obra prima do romancista português, Julio Diniz

55000

III - O ARREPENDIDO — "A segunda vida do mestre" o original francês alcançou mais de cem mil exemplares publicados, é o romance que faz bem á alma, por Victor Felli, tradução perfeita

35000

IV — O SILENCIO DO AMOR — "Lucilla", um romance de amor e pureza d' alma, por Belcaire e Angel Flory.

OUTROS VOLUMES EM PREPARO

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL PORTUGAL E COLONIAS